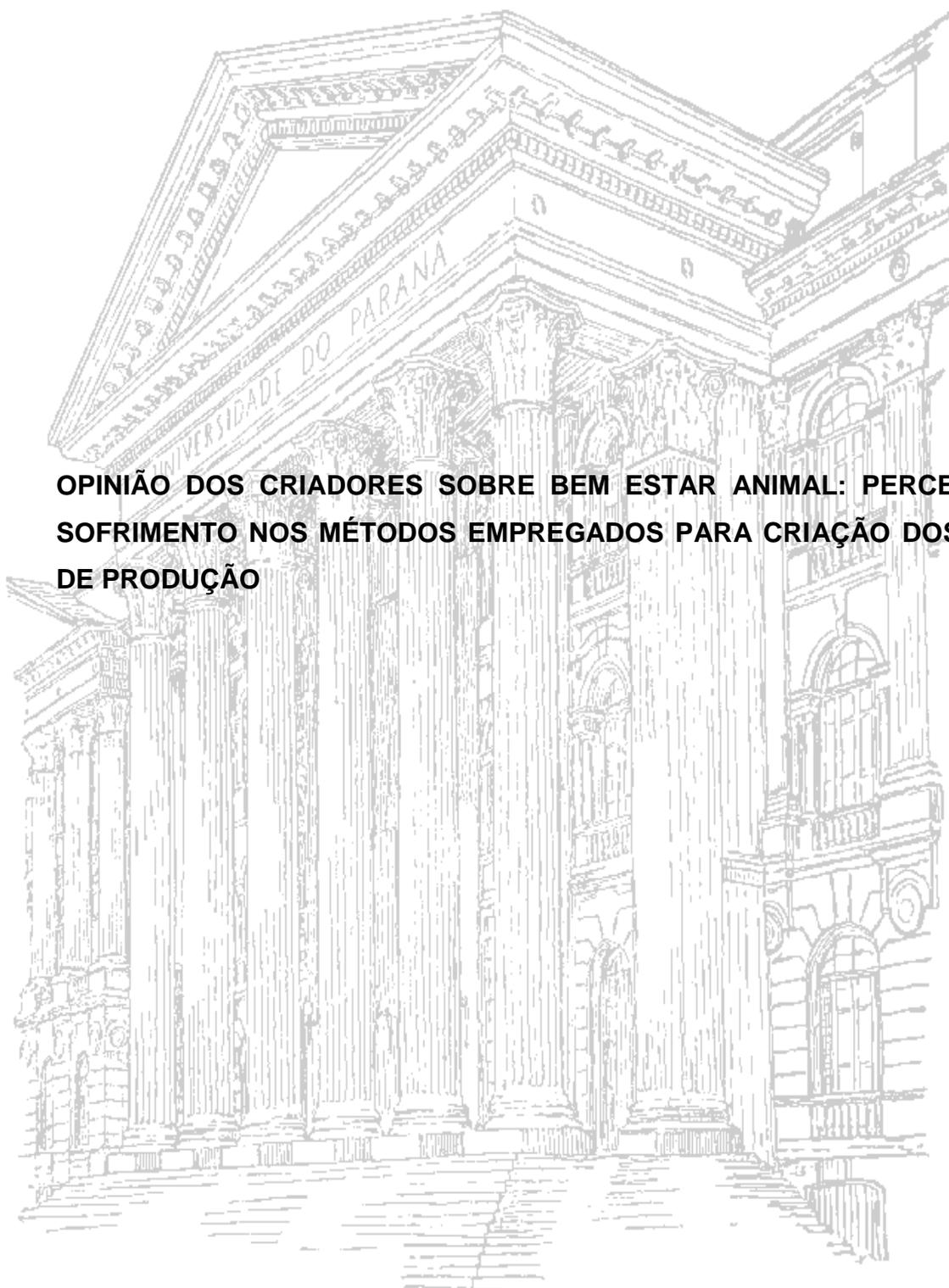


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

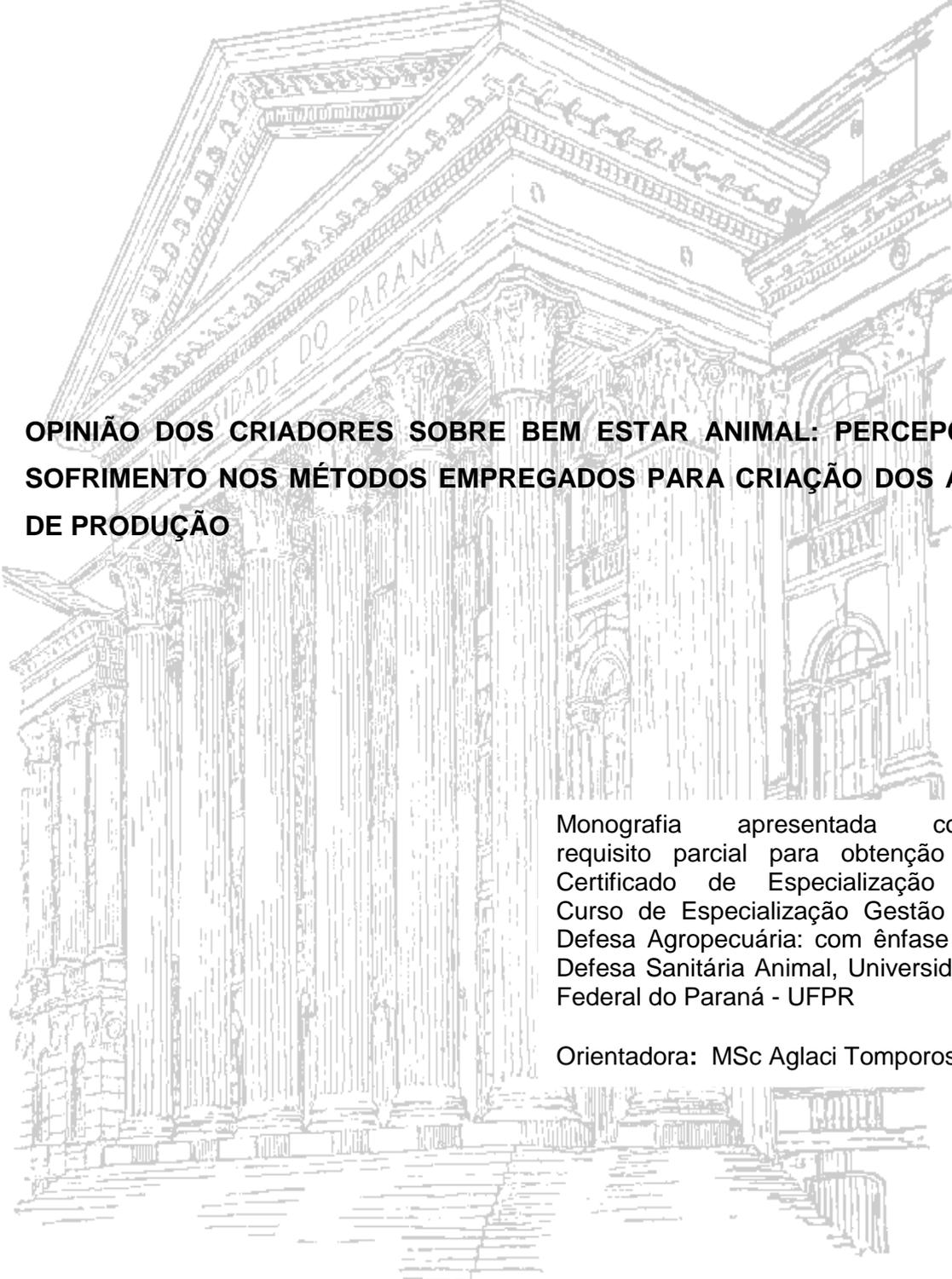
**JOSÉ CARLOS PABIS**

**OPINIÃO DOS CRIADORES SOBRE BEM ESTAR ANIMAL: PERCEPÇÃO DE SOFRIMENTO NOS MÉTODOS EMPREGADOS PARA CRIAÇÃO DOS ANIMAIS DE PRODUÇÃO**



**CURITIBA  
2011**

**JOSÉ CARLOS PABIS**



**OPINIÃO DOS CRIADORES SOBRE BEM ESTAR ANIMAL: PERCEPÇÃO DE SOFRIMENTO NOS MÉTODOS EMPREGADOS PARA CRIAÇÃO DOS ANIMAIS DE PRODUÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do Certificado de Especialização no Curso de Especialização Gestão em Defesa Agropecuária: com ênfase em Defesa Sanitária Animal, Universidade Federal do Paraná - UFPR

Orientadora: MSc Aglaci Tomporoski

**CURITIBA  
2011**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**José Carlos Pabis**

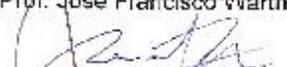
OPINIÃO DOS CRIADORES SOBRE BEM ESTAR ANIMAL: PERCEPÇÃO DO SOFRIMENTO NOS MÉTODOS EMPREGADOS PARA CRIAÇÃO DOS ANIMAIS DE PRODUÇÃO.

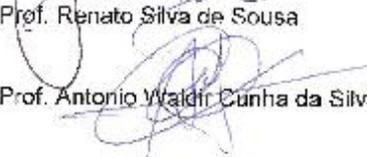
Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do Certificado de Especialização no Curso de Especialização Gestão em Defesa Agropecuária: com ênfase em **Defesa Sanitária Animal**, Universidade Federal do Paraná – UFPR, pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a): MSc Aglaci Tomporoski

Membros:

  
Prof. José Francisco Warth

  
Prof. Renato Silva de Sousa

  
Prof. Antonio Waldir Cunha da Silva

Curitiba, 31/08/2011.

Todo esse momento de mais uma conquista é dedicado à minha esposa Fernanda, e aos meus filhos Augusto e Henrique, que souberam compreender meus momentos de ausência, estando sempre ao meu lado me incentivando.

Haverá um dia em que o homem conhecerá o íntimo dos animais. Neste dia, um crime contra um animal será considerado um crime contra a própria humanidade.

Leonardo da Vinci

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bezerro confinado para produção da “carne de vitela”.....	20
Figura 2: Aves de postura confinadas em gaiolas.....	21
Figura 3: Aves de postura confinadas.....	22
Figura 4: Sobrelotação em aviários.....	23
Figura 5: Aves em aviário (produção para corte).....	24
Figura 6: Alimentação forçada de um ganso (manualmente), e alimentação através de meios mecânicos.....	26
Figura 7: Morte por sufocamento devido à alimentação forçada.....	27
Figura 8: Rompimento da parte final do aparelho digestivo (devido a contenção exagerada que permite a esses animais serem atacados por ratos).....	27
Figura 9: Alimentação forçada dos gansos, confinamento antes de serem alimentados e o produto final “patê foie grãs”.....	28
Figura 10: Comparação entre o fígado normal e o fígado para produção do patê “foie gras”.....	28
Figura 11: Matrizes em cela de gestação com pouco espaço.....	30
Figura 12: Matrizes em cela de gestação com um mínimo espaço.....	30
Figura 13: Embarque cuidadoso do caminhão – China.....	32
Figura 14: Embarque realizado de qualquer forma, onde uma vaca caiu e ficou machucada.....	33
Figura 15: Lesões provocadas pela queda.....	33
Figura 16: Carne lesionada.....	34
Figura 17: Situação em que chegam alguns suínos para o abate.....	35
Figura 18: Lesões em animais destinados ao abate.....	36
Figura 19: Perdas nas carcaças devido a lesões causadas por maus tratos antes do abate, durante o carregamento ou transporte inadequado, evidenciando grandes prejuízos.....	37
Figura 20: Lesões em carcaças na linha de abate (prejuízo certo).....	38
Figura 21: Estado em que chegam algumas carcaças na linha do abate.....	38
Figura 22: Demonstração da grande perda em uma carcaça devido à lesão causada por uma pancada.....	39
Figura 23: Secção de uma lesão em uma carcaça.....	39

Figura 24: Em média uma simples lesão causa uma perda em até 400g de carne .....	40
Figura 25: Idade .....	43
Figura 26: Escolaridade .....	44
Figura 27: Situação sócio-econômica .....	45
Figura 28: Sexo .....	46
Figura 29: Principal atividade econômica .....	47
Figura 30: Como definir bem estar animal .....	48
Figura 31: O Bom desempenho da produção.....	49
Figura 32: A importância do bem-estar animal.....	50
Figura 33: O sentimento dos animais.....	51
Figura 34: Como são abatidos os animais que produz .....	52
Figura 35: Tem conhecimento a respeito de abate e acha correto o método utilizado .	53
Figura 36: O que significa abate humanitário .....	54
Figura 37: A maneira como os animais são criados e abatidos pode interferir na aparência e qualidade dos produtos finais? .....	55
Figura 38: Quando a criação for ligada a alguma empresa animal, em suas atividades, principalmente os criadores integrados às empresas, de onde recebem orientações de bem-estar animal nos sistemas de produção.....	56
Figura 39: É correto deixar de consumir um produto associado ao sofrimento animal .	57
Figura 40: Pagaria mais por um produto sabidamente oriundo de uma criação na qual se aplicou norma de bem-estar animal.....	58
Figura 41: A questão do bem-estar animal é uma exigência crescente no mundo e no Brasil, que setor terá maior influência para a implantação e o desenvolvimento do BEA junto as empresas e os produtores rurais .....	59
Figura 42: Um selo de qualidade.....	60

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. COMO GARANTIR BEM ESTAR AOS ANIMAIS DE PRODUÇÃO ?</b> .....	13
1.1 UM BREVE HISTÓRICO DA PREOCUPAÇÃO DO BEM ESTAR ANIMAL.....	14
1.2 AS BARREIRAS COMERCIAIS E O BEM ESTAR ANIMAL .....	16
<b>2. BEM ESTAR ANIMAL COMO PASSAPORTE PARA ALIMENTOS</b> .....	19
<b>3. EXEMPLOS DE SITUAÇÕES CRÍTICAS</b> .....	20
3.1 CARNE DE VITELA .....	20
3.2 AVES DE PRODUÇÃO (POSTURA) .....	21
3.2.1 AVES DE PRODUÇÃO (CORTE) .....	23
3.3 PATÊ DE FÍGADO DE GANSO (FOIE GRAS), OU FÍGADO GORDO .....	25
<b>4. CRIAÇÃO INDUSTRIAL DE SUÍNOS</b> .....	29
<b>5. EFEITOS DO TRATAMENTO DESTINADO AOS ANIMAIS E A QUALIDADE DA CARNE JUNTO AOS CONSUMIDORES</b> .....	31
5.1 O TRANSPORTE E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DA CARNE .....	32
<b>6. O GLICOGÊNIO MUSCULAR E O pH NA QUALIDADE DA CARNE</b> .....	35
6.1 DEMONSTRAÇÕES DE PERDAS EM CARÇAÇAS DEVIDO A LESÕES.....	37
<b>7. AÇÕES DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA COM RELAÇÃO AO BEM ESTAR ANIMAL NO BRASIL</b> .....	41
<b>8.MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	42
<b>9. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	43
<b>10. CONCLUSÃO</b> .....	61
<b>11.CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	61
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	63
<b>APÊNDICE</b> .....	65

## RESUMO

Melhorar as condições nos métodos de criação, dos animais de produção tem-se tornado uma preocupação crescente nos meios produtivos e de comercialização. Este trabalho tem como objetivo, realizar uma pesquisa, a respeito da opinião dos criadores sobre bem-estar animal, e sua percepção de sofrimento, nos métodos empregados para criação destes animais, transporte, comercialização e abate. Para melhor entender os objetivos desta pesquisa, foi elaborado um questionário junto aos produtores, nas diversas áreas de produção, dos municípios de Jaguariaíva, Pirai do Sul e Arapoti, com perguntas relacionadas ao tema proposto, que após serem respondidas, foram analisadas e apresentadas na forma de gráficos. Observou-se que os sistemas de integração junto às empresas, principalmente na avicultura, gado de leite e suinocultura, proporcionam melhoria nas condições de vida dos pecuaristas, os quais tem assegurado assistência a produção, garantia de comercialização no mercado dos seus produtos, mas tudo tem seu custo, como a dependência a este sistema de produção, no qual os produtores, para sua manutenção e sobrevivência no campo, ficam atrelados a estas empresas sem condições de competitividade fora deste sistema. Deve ser crescente junto às empresas e criadores, a preocupação na melhoria, em relação ao bem-estar nos métodos de criação dos animais domésticos, buscando-se uma melhora na qualidade dos produtos finais, mais aceitação seja no mercado interno ou externo, pois se a realidade destes sistemas, muitas vezes cruéis, fosse mostrada aos consumidores, certamente, eles desaprovaram tais métodos, obrigando a uma mudança de postura dos governos, dos criadores, das empresas, juntando-se assim a conscientização dos consumidores, as legislações próprias dos países produtores e compradores, estes últimos que tem aumentado constantemente suas exigências em relação ao bem-estar animal.

**Palavras chave:** Criadores. Animais. Bem-estar. Abate. Consumidores.

## **ABSTRACT**

Improving conditions in farming methods, livestock production has become a growing concern in the media production and marketing. This work aims at performing a search, about the opinion of farmers about animal welfare, and their perception of pain, the method used to create these animals, transportation, marketing and slaughter. To better understand the objectives of this research, a questionnaire was designed from the producers in various production areas, the municipalities of Jaguariaíva Piraí Arapoti and South, with questions related to the theme, after answering that, were analyzed and presented in graphs. It was noted that systems integration with the companies, mainly in poultry, dairy cattle and pig farms, provide better living conditions of farmers, which has provided assistance to production, guarantee to market their products, but all has its costs, as the dependence of this production system, where producers, for their maintenance and survival in the field, are tied to these companies without competitive conditions outside this system. Must be increasing with the companies and creators, the concern in the improvement of the well-being in the methods of raising livestock, seeking an improvement in quality of final products, the more accepting it is domestic or foreign, as if the reality of these systems, often cureis, was shown to consumers, surely they would disapprove of such methods, requiring a change of attitude of governments, farmers, businesses, thus joining the consumer awareness, the laws of the countries themselves producers and buyers, the latter which has steadily increased its demands in relation to animal welfare.

Keywords: Creators. Animals. Wellness. Slaughter. Consumers.

## INTRODUÇÃO

No século passado, houve profunda alteração nos métodos da produção animal e seus produtos, principalmente após a chamada revolução verde, ocorrendo à promoção da industrialização da pecuária. Como consequência os sistemas atuais de produção animal, apresentam, pontos críticos importantes para o bem-estar dos animais, seja na avicultura de corte, na avicultura de postura, na pecuária de corte e de leite e na suinocultura. Percebe-se um sistema de produção desenfreado, o qual procura buscar sempre o aumento dos índices de produtividade, com um menor custo e maior lucro, promovendo muitas vezes condições desumanas, onde são criados os animais, para assim tentar saciar tal mercado e “paladares extravagantes”, sendo que os consumidores na maioria das vezes, desconhecem as condições a que são submetidos os animais de produção. Citam-se como exemplos mais marcantes, a situação das aves de postura, a produção da carne de vitela “o chamado baby bife”, e o patê “fois gras”, o qual é ilegal sua produção no Brasil desde 1934, embora isto possa ocorrer. Também o abate clandestino não obedece e não respeita as mínimas regras do bem-estar e tem-se ainda o setor de transporte e do abate em frigoríficos, carentes em treinamentos adequados, o que causa elevados índices de estresse nos animais a serem abatidos, ferimentos e grandes prejuízos econômicos pelas perdas das carcaças, ou parte delas na linha do abate, obtendo-se produtos menos saudáveis e de qualidade inferior.

No entanto, os problemas apresentados começam a ser vistos com preocupação por alguns pecuaristas, que começam a mudar suas atitudes, entendendo que a qualidade final de seus produtos depende do bem-estar animal, e medidas são necessárias, para que esses problemas sejam sanados, com maior responsabilidade por parte daqueles que trabalham diretamente com a produção. Surge aí, a necessidade iminente, de se melhorar as condições de bem-estar dos animais utilizados para produção de alimentos, representando um avanço, já que se propõe a redução do sofrimento animal existente atualmente; e como consequência à obtenção de produtos mais saudáveis, mais aceitáveis pelos consumidores, com menos prejuízos para a cadeia de produção. Da mesma forma, o trabalho de pesquisa também é importante, por ser caracterizado pelo estudo profundo e

exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado. Para melhor entendimento, foi elaborado um questionário, apresentado aos produtores de alimentos de origem animal dos municípios de Arapoti, Jaguariaiva e Piraí do Sul, pecuaristas que fazem parte do início da cadeia produtiva, para obtenção de informações, sobre uma melhor noção da sua consciência e seu conhecimento, em relação ao bem-estar dos animais de produção, e a importância disto para o futuro, da produção dos alimentos de origem animal, para que assim, possibilite o desenvolvimento de trabalhos, aplicando-os exatamente onde se inicia a cadeia na produção alimentar; ou seja, junto aos criadores, familiares e empregados do agronegócio.

Este trabalho trata sobre a opinião dos criadores em relação ao bem estar-animal: sua percepção de sofrimento nos métodos empregados para criação dos animais de produção, haja vista que, principalmente nos países em desenvolvimento, há um baixo investimento no treinamento de pessoas que manejam os animais, tendo como consequência direta, uma baixa conscientização destas pessoas em relação ao bem-estar animal, trazendo prejuízos à indústria, ao comércio e conseqüentemente ao consumidor final.

O objetivo maior é entender o grau de conscientização, daqueles que estão ligados aos recursos alimentícios provenientes do reino animal, para que, de posse desses resultados obtidos com as entrevistas, e uma análise destes, possamos chegar a conclusões, que possam nos ajudar a buscar os meios mais corretos, para o desenvolvimento de uma política ligada ao bem-estar animal, em todos os setores ligados ao agronegócio, proporcionando produtos que quando o consumidor levá-lo à mesa, estará sendo assegurada uma melhor qualidade, e sendo proporcionado um lugar definitivo junto ao comércio interno e externo, o qual está cada vez mais exigente em relação ao bem-estar animal.

## 1. COMO OFERECER MAIOR GRAU DE BEM-ESTAR AOS ANIMAIS DE PRODUÇÃO?

É necessário salientar, o conflito que ocorre em produzir alimentos de origem animal, com o mínimo custo possível, e conseguir manter um determinado padrão de bem-estar para os animais utilizados na pecuária. A respeito desse assunto, Molento (2003), comenta que,

À medida que a sociedade passa a reconhecer o sofrimento animal como um fator importante, pode-se inferir ao bem-estar animal (BEA) um valor econômico. Ao entrar no mundo da economia, o BEA passa a ser parte integrante dos cálculos do valor econômico dos produtos de origem animal. Nas sociedades de demanda mais desenvolvidas por BEA, existem estudos detalhados do impacto que o padrão de bem-estar pode ter nas relações custo benefício.

Percebe-se uma tendência de se organizar formas de exigência de padrões mínimos de bem-estar animal, onde na Europa isto já está em um estágio mais avançado, seguindo-se uma evolução mais tímida nos Estados Unidos da América. Mas esta tendência provavelmente alcançará os domínios do comércio internacional em um futuro próximo.

Singer (2002) afirma que, “nas últimas décadas, vem ocorrendo uma redução na disposição de algumas sociedades, em demonstrar a aceitação de produtos de origem animal a baixo preço, em parte à custa de sofrimento animal”. O BEA tem forte presença nos códigos morais e nos pilares éticos de vários países, e um tratamento apropriado aos animais não é mais visto como algo que possa ser deixado para a livre escolha de pecuaristas individuais.

No pensamento de McInerney (2004), “quando um equilíbrio adequado entre os valores dados ao produto e ao BEA não pode ser atingido somente por decisões privadas, é função de o governo refletir a preferência geral da sociedade”. Por exemplo, em países da União Européia existem moratórias para a eliminação completa de sistemas de criação considerados de muito baixo potencial de bem-estar, muito embora esta transição envolva menor produtividade.

Para a manutenção de poedeiras em gaiolas industriais, um sistema amplamente utilizado em vários países, e também no Brasil, a União Européia tem legislação obrigando uma eliminação completa até 2012; a

produção de vitelo foi banida na Inglaterra desde a década de 1990, o confinamento de porcas gestantes em baias individuais deverá ser banido a partir de 2013 (SINGER, 2002).

A preocupação de que melhorias na qualidade de vida dos animais possam infligir custos dos quais os concorrentes estão livres, é um importante fator limitante aos progressos na área de bem-estar de animais de produção segundo Speding (1994), e origina uma pressão para que exigências de BEA sejam adotadas por todos os fornecedores de produtos de origem animal ao mercado europeu, que é o mais avançado neste campo (MOLENTO, 2005).

O fato de o animal deixar de ser visto como um produto, para ser reconhecido como um ser senciente, significa uma grande mudança no setor da produção animal com repercussões éticas, científicas, sociais e econômicas. Essa modificação relata Paixão (2005, p. 66), “ocorreu em 1977, no Protocolo de Proteção e Bem-estar Animal que foi anexado ao tratado que estabeleceu a Comunidade Européia (Europa, 2005)”. O referido protocolo não só reconhece os animais como seres sencientes, isto é, seres que tem consciência, como também requerem que os países membros da Comunidade Européia estabeleçam políticas voltadas para o bem-estar dos animais de produção. Assim sendo, a Comunidade Européia vem introduzindo, particularmente desde a década de 90, diversas regulamentações visando garantir o bem-estar desses animais. Considerando-se que o Brasil vem se destacando como um dos grandes fornecedores mundiais de alimentos, sendo o agronegócio um dos pilares de sustentação de sua economia (PINHEIRO, 2005), é fundamental sua participação neste debate internacional.

## 1.1 UM BREVE HISTÓRICO DA PREOCUPAÇÃO DO BEM-ESTAR ANIMAL

Há quarenta anos, existe a preocupação sobre a possibilidade de se garantir bem-estar aos animais de produção, e exatamente em 1965, a grande questão que se colocou em relação aos animais de produção, foi em relação aos métodos de produção e de que forma esses métodos podem afetar os animais. Sobre esse assunto foi publicado na Inglaterra o livro “Máquinas animais” de Harrison (1964), no qual a autora fez uma grande denúncia dos métodos de produção animal.

Sobre esse questionamento Brambell (1965) explica que:

Naquele momento a sociedade inglesa começava a se questionar sobre a forma de como esses animais são criados e como são afetados. O governo inglês preocupado com as repercussões sociais daquela denúncia resolveu nomear uma comissão, liderada por um médico veterinário chamado Rogers Brambell, para investigar a situação dos animais nas unidades de produção animal. No ano seguinte, em 1965, foi apresentado o relatório Brambell com as conclusões das investigações.

O relatório indicava a dificuldade em se avaliar o bem-estar dos animais, já que não existiam parâmetros estabelecidos, e chamava a atenção para a necessidade de se produzirem códigos de prática para a criação das várias espécies de animais de produção. “Esse certamente foi um ponto de partida para a ciência do bem-estar animal, que passou a discutir uma definição de bem-estar animal e a buscar tais parâmetros” (BROOM; JOHNSON, 1993).

Os autores supracitados comentam ainda que, com a missão de elaborar tais códigos de prática, foi estabelecida em 1967 uma “Comissão de Bem-estar de Animais de produção” (*Farm Animal Welfare Advisory Committee – FAWAC*) que daria origem, em 1979, ao “Conselho de Bem-estar dos Animais de Produção” (FAWC). “As funções principais do FAWC têm sido assessorar o Ministério da Agricultura (MAFF – Ministry of Agriculture, Fisheries and Food) em questões que envolvam o bem-estar dos animais em qualquer estágio da cadeia produtiva” (WINTER, 1998). O FAWC ficou internacionalmente conhecido ao divulgar as chamadas Cinco Liberdades descritas por Winter (1998): “livres de fome, sede e desnutrição; de desconforto; de dor, injúria e doença; para expressar um comportamento normal; de medo e estresse negativo”. Essas cinco liberdades viriam a se constituir em referência mínima para várias legislações. Sendo que uma consequência importante de todo esse processo seria o surgimento de leis voltadas para a proteção dos animais.

É importante destacar que a legislação do Reino Unido surgiu com a intenção específica de proteger os animais, aliviar o sofrimento ou prevenir a crueldade. Enquanto que as regulamentações sobre bem-estar animal da Comunidade Européia foram estabelecidas para criar padrões mínimos para os diferentes sistemas de produção, e assim evitar uma competição injusta entre os produtores.

O bem-estar dos animais de produção é determinado, na prática, pelo sistema de criação e manejo praticado pelos pecuaristas, que por sua vez é determinado

largamente pelos sinais econômicos que os produtores recebem do mercado. Uma vez que o bem-estar não é tradicionalmente um bem comercializável, ele não carrega um benefício econômico evidente e, desta forma, os produtores concentram-se na produtividade. “As teorias econômicas demonstram que os sinais de mercado tendem a conduzir a padrões de bem-estar abaixo da norma considerada desejável por algumas sociedades” (McINERNEY, 2004). Partindo-se dessa premissa, os animais devem ser alimentados, abrigados mantidos saudáveis até o ponto em que isto compense financeiramente.

## 1.2 AS BARREIRAS COMERCIAIS E O BEM-ESTAR ANIMAL

As preocupações européias acerca do bem-estar de animais de produção alcançam todos os produtos da pecuária, seja qual for o país de origem. McInerney (2004) explica que o princípio tem implicações para o comércio internacional, “pois é muito provável que países que exigem maiores padrões de bem-estar animal para os seus produtores, também exijam o mesmo para os pecuaristas de outros países que queiram entrar com seus produtos nesse mercado”. De outra forma, a exigência seria duplamente negativa: diminuiria a competitividade dos produtores locais e não melhoraria a qualidade de vida dos animais, simplesmente deslocaria a produção animal com baixo padrão de bem-estar para fornecedores provenientes de países nos quais não houvesse tal exigência.

O BEA não foi utilizado como uma barreira oficial para o comércio entre países devido à inexistência de provisões para tanto nos acordos da Organização Mundial do Comércio (OMC) criada no intuito de se promover comércio livre. Isto vem sendo feito por meio da proibição legal de tarifas de importação e de subsídios para exportação. As regras de comércio da OMC proíbem a discriminação entre produtos com base nos métodos de produção, seja por preços ou rótulos.

O Acordo para a Agricultura (Agreement on Agriculture), assinado em 2000 em Berlim, vinculou países que utilizavam subsídios e tarifas de importação a uma redução progressiva e pré-fixada dos subsídios existentes. O Artigo 20 do Acordo para a Agricultura permite exceções para a proteção da vida humana, animal ou vegetal sob certas situações. Atualmente, produtos de trabalho escravo, de prisioneiros e de crianças estão totalmente restritos sob esse artigo. (WSPA, 2004)

Vale ressaltar que, o trabalho de entidades de BEA junto às negociações a Organização Mundial do Comércio visa incluir produtos provenientes de sistemas de produção de baixo padrão de bem-estar no Artigo 20, permitindo barreiras comerciais ou subsídios baseados nos padrões de bem-estar, concluindo que, independente do formato que as imposições de bem-estar animal venham a adquirir no comércio entre países, o exportador que tem maior capacidade de atender quesitos de BEA encontra-se em posição privilegiada nas negociações.

Segundo Molento (2005), “a necessidade de incorporar o BEA na pecuária brasileira talvez emane primeiramente de preocupações éticas da própria sociedade brasileira, ou talvez por barreiras do comércio exterior fundamentadas em questões de bem-estar animal”, de qualquer maneira, é necessidade real e crescente o desafio é grande.

A inclusão do ensino de BEA durante a graduação em medicina Veterinária e zootecnia, aliada ao fomento de pesquisas nacionais nesta área, teriam um grande impacto na melhoria do grau de bem-estar de animais de produção no Brasil. Nesta fase inicial de aplicação dos conceitos básicos de BEA a campo, pequenas alterações de manejo e instalações, associadas a baixo ou nenhum custo, podem levar a uma elevação importante do padrão de bem-estar dos animais.

No momento, sem que a maioria dos profissionais se interesse pelo entendimento do BEA e for capaz de aplicar pequenas mudanças na sua esfera de trabalho à pecuária brasileira, dará o primeiro e mais difícil passo em direção a realidade na qual a consideração do bem-estar de animais de produção pode tornar-se um trunfo para o Brasil.

No entanto, o perfil do consumidor vem se modificando ao longo dos anos, assim como houve modificação no perfil do produtor. “Após a segunda guerra mundial, havia em toda a Europa uma grande preocupação em se aumentar a oferta de alimentos” (SALCEBO, 2005).

Com os avanços técnicos e científicos, a produção animal foi se intensificando cada vez mais e o setor produtivo preocupava-se basicamente com a questão da produtividade, ou seja, aumentar a quantidade de alimentos e oferecê-los a população com um menor preço. Foi então que a chamada “criação de animais” transformou-se em “indústria animal”, com uma mudança profunda nas condições de

alojamento desses animais nas práticas de manejo. Entrava em cena uma intensa mecanização que visava, sobretudo, “maior quantidade de alimento”, fazia crescer a competitividade entre as empresas e considerava os animais como máquinas, que podiam produzir cada vez mais, ultrapassando limites fisiológicos, graças à seleção genética, ao uso de medicamentos e a novas técnicas de manejo. Pois preço era um requisito de primeira ordem para o consumidor. Enquanto isso, as famílias, que antes criavam animais nos quintais de suas casas, foram se deslocando para as cidades que precisavam ser reconstruídas. Foi dessa forma que possivelmente, o consumidor se afastou da criação de animais para o consumo e passou a ter contato apenas com o produto final nos supermercados, desconhecendo as práticas e o meio em que viviam os animais no setor produtivo. Essa situação iria perdurar até que o consumidor nas cidades começasse a perceber a importância dos meios de produção do alimento. A década de 80 é apontada como sendo o cenário dos primeiros sinais de alarme nesse sentido, com denúncias de vários casos de fraudes, uso de substâncias proibidas e adulterações. O consumidor passa a ter uma sensação de que o alimento já não é tão seguro como antes.

## **2. BEM-ESTAR ANIMAL COMO PASSAPORTE PARA ALIMENTOS DE QUALIDADE**

Estudos evidenciam as vantagens econômicas do manejo racional, bons tratamentos e bem-estar dos animais, que resultam na maior produção de leite, melhor qualidade da carne e subprodutos, como o couro e vísceras. Além de ser uma tendência mundial, consumidores e criadores movimentam-se para que países produtores de carne bovina, suína e de aves cumpram padrões mínimos de bem-estar animal.

Alem de melhorar os atributos, esses procedimentos dão lucro para o pecuarista. “Ao adotar os princípios das boas práticas no trato com animais, o produtor alcança maior eficiência econômica, seja na facilidade do manejo na propriedade, seja em maior rendimento de carcaça ou na qualidade diferenciada da carne” (PARRILLA, 2010, p. 21).

No Brasil não existem leis que obrigam o cumprimento de regras de bem-estar animal no sistema produtivo. Mas o Ministério da Agricultura publicou a Instrução Normativa nº 56/2008 com recomendações de manejo cuidadoso, alimentação saudável, instalações seguras que não ofereçam riscos aos animais (BRASIL, 2008b). A adesão à norma é voluntária, mas torna-se praticamente obrigatória para criadores que querem conquistar um mercado cada vez mais exigente, como a União Européia (UE).

Dessa forma, governo e setor produtivo trabalham em adequações de procedimentos para garantir produtos seguros aos mercados mais exigentes. Técnicos do Ministério da Agricultura acreditam que, com pequenas adaptações nas estruturas físicas e no transporte, o país estará plenamente ajustado às regras internacionais estabelecidas para o bem-estar animal. A adesão voluntária dos produtores rurais aos preceitos de bem-estar animal será mais uma vitória do Brasil, que se coloca cada vez mais forte como o maior produtor de alimentos do mundo.

### 3. EXEMPLOS DE SITUAÇÕES CRÍTICAS A QUE SÃO SUBMETIDOS OS ANIMAIS DE PRODUÇÃO

#### 3.1 CARNE DE VITELA

A carne de vitela, também conhecida como “baby bife”, é muito apreciada por ser tenra clara e macia. Mas o que pouca gente sabe é que o alimento vem de muito sofrimento dos bezerros machos, que desde o primeiro dia de vida são afastados da mãe e trancados em um compartimento sem espaço para se movimentar (figura 1), sendo ainda alimentados propositalmente com uma alimentação isenta de ferro, tornando-se animais fracos, anêmicos, produzindo uma carne rosa pálida ou a chamada carne branca, na verdade carne proveniente de um animal doente, para enfim sustentar caprichos da culinária, onde se pagam altos preços por esse absurdo.

FIGURA 1- BEZERRO CONFINADO PARA PRODUÇÃO DA “CARNE DE VITELA”



FONTE: *Marchig Animal Welfare Trust* (2006)

### 3.2 AVES DE PRODUÇÃO (POSTURA)

As aves de postura ou galinhas poedeiras ficam abarrotadas em um espaço mínimo, onde ficam em média de quatro a seis aves (figura 2 e 3), são incapazes de realizar comportamentos naturais, como fazer ninhos, ciscar, esticar as asas, empoleirar, se movimentar, hábitos extremamente importantes para as aves, e devido ao stress muitas aves bicam até a morte as mais fracas. Essas aves, que no final de sua vida produtiva, tem como único destino à morte (abate), soando como um alívio após algumas semanas em um espaço minúsculo.

Desse modo, o sistema de criação em gaiolas tornou-se uma das maiores polêmicas acerca do bem estar animal, pois com todas estas restrições a que as aves são submetidas, elas ficam mais suscetíveis a problemas de saúde, incluindo a osteoporose e fraturas, enfim, esses animais são tratados como máquinas em “linhas de produção”.

A figura 2 mostra o confinamento de aves em gaiolas, uma situação bastante preocupante, haja vista que as aves permanecem fechadas, expostas a inúmeras doenças. A gaiola é um tema que preocupa veterinários que buscam mudanças urgentes nos códigos de leis que definem a segurança e/ou direitos dos animais.

FIGURA 2- AVES DE POSTURA CONFINADAS EM GAIOLAS



FONTE: *Marchig Animal Welfare Trust* (2006)

A figura 3 também mostra o confinamento de aves poedeiras, que se amontoam em gaiolas não oferecendo a elas espaço necessário para locomoção o que proporciona o aparecimento de muitos problemas que podem afetar o criador tanto na qualidade dos produtos como na parte financeira.

FIGURA 3 - AVES DE POSTURA CONFINADAS



FONTE: Marchig Animal Welfare Trust (2006)

### 3.2.1 AVES DE PRODUÇÃO (CORTE)

Aves confinadas em aviários lotados, com pouco espaço (figura 4), onde as condições a que são submetidas diferem em muito das suas condições naturais de vida. Essa, infelizmente é a realidade em que se encontram os aviários onde as aves são colocadas em um local com espaço limitado.

FIGURA 4 - SOBRELOTAÇÃO EM AVIÁRIOS



FONTE: *Marchig Animal Welfare Trust* (2006)

O aviário representado na figura 5 mostra a sobrelotação.

FIGURA 5 - AVES EM AVIÁRIO (PRODUÇÃO PARA CORTE)



FONTE: *Marchig Animal Welfare Trust* (2006)

### 3.3 PATÊ DE FÍGADO DE GANSO (FOIE GRAS), OU FÍGADO GORDO.

Para a produção do *patê*, termo que em francês significa “fígado gordo”, onde os gansos são submetidos a uma alimentação forçada, com a introdução de tubos que injetam forçosamente o alimento “goela abaixo”, para que o seu fígado alcance um aumento absurdo, é considerado um dos métodos mais cruéis de tratamento induzido para obtenção de produtos comerciais. E em alguns casos os funcionários colocam um anel elástico apertado no pescoço da ave para o caso de ela tentar regurgitar a ração. Isso ocorre de três a cinco vezes ao dia.

Depois de quatro semanas de alimentação forçada, os patos e gansos são abatidos. Na maior parte das vezes, seus fígados estão inchados de 6 até 12 vezes o tamanho normal, formando massas pálidas e inflamadas do tamanho de melões em vez de órgãos firmes, pequenos e saudáveis. Os animais assim ficam com dificuldades de andar e respirar.

Os métodos de alimentação e os aditivos alimentares que causam lesões, angústia ou doença nos patos (e nos gansos) ou que podem levar ao desenvolvimento de condições físicas e fisiológicas que prejudicam a sua saúde e o bem estar não devem ser autorizados (TOUITOU, 2007, p. 1).

Não precisa de muita imaginação para perceber que toda essa alimentação forçada pode causar outros danos físicos também, onde em um estudo realizado em uma granja de produção quase 10% de todas as aves morriam com o estômago rompido, com o alimento entrando no pulmão ou morriam por doenças e infecções causadas pelos tubos de alimentação sujos. Sendo essas aves normalmente de aspecto doentes e estressadas.

A produção de fígado de ganso deveria ser banida, porque o “foie grãs” nada mais é do que uma lipidose hepática, uma doença do fígado, constituindo-se uma evidente crueldade animal.

A produção de patê de fígado de ganso foi banida na Alemanha, Dinamarca, Noruega e Polônia, sendo que a França é o maior produtor mundial, com quase 80%, depois vem a Hungria, Espanha, Israel e outros países como a Bélgica, EUA, Bulgária e Romênia produzindo o restante. No Brasil ela é proibida por lei, apesar de existir.

Hoffman (2000) fala que: “apenas patos machos são usados para fazer o patê, pois eles produzem fígados maiores e são considerados mais capazes de resistir às quatro semanas de tortura”. As patas fêmeas são tratadas como lixo, literalmente. Normalmente os funcionários entulham as patas em sacos de nylon, as matando em tonéis com água escaldante.

FIGURA 6 - ALIMENTAÇÃO FORÇADA DE UM GANSO (MANUALMENTE)



FONTE: Touitou (2010)

Assim, alimentação forçada é uma violência contra os animais e à saúde humana que consome o patê sem saber sua procedência.

A foto exibe na figura 7, o resultado de uma violência sem precedentes imposta ao animal, que não resiste à alimentação forçada e morre por sufocamento.

FIGURA 7 - ANIMAL MORTO DEVIDO À ALIMENTAÇÃO FORÇADA



FONTE: Touitou (2010)

A figura 8 mostra o rompimento da parte final do aparelho digestivo (devido a contenção exagerada que permite a esses animais serem atacados por ratos).

FIGURA 8 - ANIMAIS ATACADOS POR RATOS



FONTE: Touitou (2010)

A figura 9, mostra a forma mecânica como são alimentados os gansos, onde o alimento é colocado à força através do bico, o que faz com que o seu estomago fique inchado de tão cheio, prejudicando o fígado.

FIGURA 9 - ALIMENTAÇÃO MECÂNICA



FONTE: Touitou (2010)

Na figura 10, o fígado normal apresenta uma coloração avermelhada e pesa em torno de 120g, já o fígado destinado a produção do patê “foie gras”, possui coloração amarelada “fígado doente” (com esteatose hepática), pesando em torno de 1.300g.

FIGURA 10 - COMPARAÇÃO ENTRE O FÍGADO NORMAL E O FÍGADO PARA PRODUÇÃO DO PATÊ “FOIE GRAS”



FONTE: Bruschini (2007)

#### 4. CRIAÇÃO INDUSTRIAL DE SUÍNOS

A capacidade de reprodução e a facilidade de criação faz da suinocultura uma das principais atividades agropecuárias capaz de produzir proteína animal de alta qualidade para o atendimento da demanda da crescente necessidade da população mundial (TOLON, 2002; ROPPA, 2006).

Para Sobesnstiansky *et al.* (1991) e Rollin (1995), o confinamento intensivo trouxe como conseqüências, o aumento de doenças na produção e excesso de animais por área de piso.

A criação industrial de suínos tem despertado atenção referente às normas para o bem-estar animal, pois matrizes ficam confinadas em um espaço mínimo, as chamadas “celas de gestação para porcas prenhes”, praticamente privadas de qualquer movimento, tendo limitado as suas necessidades básicas, podendo somente levantar e deitar conforme figuras 11 e 12. Após o nascimento os leitões ficam submetidos também a diversas privações, onde ficam confinados em suas diferentes etapas, até estarem preparados para o abate, sendo privados do mínimo necessário para o seu desenvolvimento mais próximo do natural, sem nunca ter tido contato com o ambiente externo, ou seja, solo, (terra), grama.

Outro aspecto a ser ponderado no estudo do bem estar é a evolução genética, obtida pelas velozes e eficazes empresas de genética suína. Assim, de que forma estas alterações genéticas em busca do produto final ideal, em termos de produtividade, têm alterado a neurobiologia dos animais (especialmente considerando mães, filhos e suas relações sociais)? Segundo Lafer e Vallada Filho (1999) fatores genéticos, neurobiológicos e ambientais participam da gênese das depressões também detectadas em animais. Os experimentos com comportamento e bem estar de suínos serão sempre necessários, visto que os estudos em genética renovam-se a cada dia. Estudar a interação entre genética, neurobiologia e desordens mentais pode auxiliar no entendimento das condições de bem estar. No Brasil, ainda há muito que se estudar, visto que a maioria dos trabalhos da literatura disponível foi conduzida em situações geográficas outras e, portanto, em diferentes condições, especialmente climáticas havendo a necessidade de repetir estes estudos em condições brasileiras.

FIGURA 11 - MATRIZES SUÍNAS EM CELAS DE GESTAÇÃO



FONTE: *Marchig Animal Welfare Trust* (2006)

FIGURA 12 - MATRIZES SUÍNAS EM CELAS DE GESTAÇÃO



FONTE: *Marchig Animal Welfare Trust* (2006)

## 5. EFEITOS DO TRATAMENTO DESTINADO AOS ANIMAIS E A QUALIDADE DA CARNE JUNTO AOS CONSUMIDORES

Bons tratos tanto na fazenda quanto no transporte evitam situações de estresse e ferimentos nos animais, propiciando sem dúvida produtos de melhor qualidade.

O manejo inadequado do rebanho na fazenda compromete a qualidade da carne de duas formas, a primeira está relacionada a lesões físicas sofridas pelo animal por agressão direta, e a segunda está associada a situações de desgaste a que o gado é submetido, provocando stress (COSTA, 2008, p. 4).

O stress que acomete o gado também interfere na qualidade da carne. O problema decorre de desgaste intenso do animal, principalmente no transporte por longas distâncias. Pode haver stress hídrico e o animal não se recupera até o abate. O stress deixa a carne dura e de cor escura. O desgaste físico afeta, ainda, a “acidificação da carne”, que protege contra bactérias. Sem essa acidificação, o tempo de prateleira da carne cai significativamente (MARTINS, 2006, p. 3).

Cortes e hematomas além de desvalorizarem a carne na indústria representam perdas quantitativas para o criador, pois a parte lesionada é retirada, e podem até tornar o produto impróprio para o consumo. “Quando se retira um pedaço de carne com hematoma, há ruptura de vasos sanguíneos. Esse sangue vasa para as fibras musculares e altera o sabor da carne” (COSTA, 2008, p. 4). “Mesmo que seja um hematoma leve, fica um gosto anormal de sangue. Se a lesão atingir a picanha, quem consumir esta carne sentirá gosto de fígado”.

Gritar ou agredir o animal resulta em carne sem qualidade. Em uma fazenda, em vez de “ferrões” para cutucar o gado, devem ser usadas “bandeirolas”, sinalizadores que chamam a atenção do gado e facilitam seu deslocamento, comenta Martins. Em um curral ideal, não deve haver risco de ferimentos por pregos, parafusos ou cerca de arame farpado. Um animal manso (sinuelo) servirá de guia para o resto do rebanho. O transporte, que é a continuação do manejo na fazenda, deve ser cuidadoso para não pôr a perder tudo o que já foi feito. Assim, o criador poderá evitar o estresse do animal, separando e deixando-o pronto para o embarque, orientando o motorista para que ele possa tomar os cuidados necessários ao transportar os animais. Machado (2008, p. 3) explica que:

Quanto maior à distância, maior o custo. O motorista deve ser treinado para não correr, não frear bruscamente e checar, a cada hora, se há animais deitados. O condutor também deve preencher uma planilha de acompanhamento de embarque, que registra, por exemplo, as condições da estrada e como o gado foi embarcado na fazenda.

## 5.1 O TRANSPORTE E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DA CARNE

O transporte do gado é o primeiro ponto de impacto na qualidade da carne. As fotos mostram dois diferentes caminhões de transporte de gado, um leva os animais com segurança o outro dispõe os animais de qualquer maneira. Nesta foto (figura 13), mostra os animais sendo transportado de forma correta, o que não ocasiona sofrimento para os mesmos.

FIGURA 13 - TRANSPORTE CUIDADOSO DO CAMINHÃO - CHINA



FONTE: Amaro (2006)

Conforme a figura 14, os animais foram colocados de forma errada, fazendo com que durante o percurso da viagem, eles viessem a cair por cima uns dos outros, correndo-se o risco de lesões, alterando a qualidade da carne para o consumidor final. Na figura 15 verifica-se queda do animal, devido à sujeira e piso escorregadio.

FIGURA 14 - EMBARQUE REALIZADO DE QUALQUER FORMA, EM AMBIENTE SUJO



FONTE: Amaro (2006)

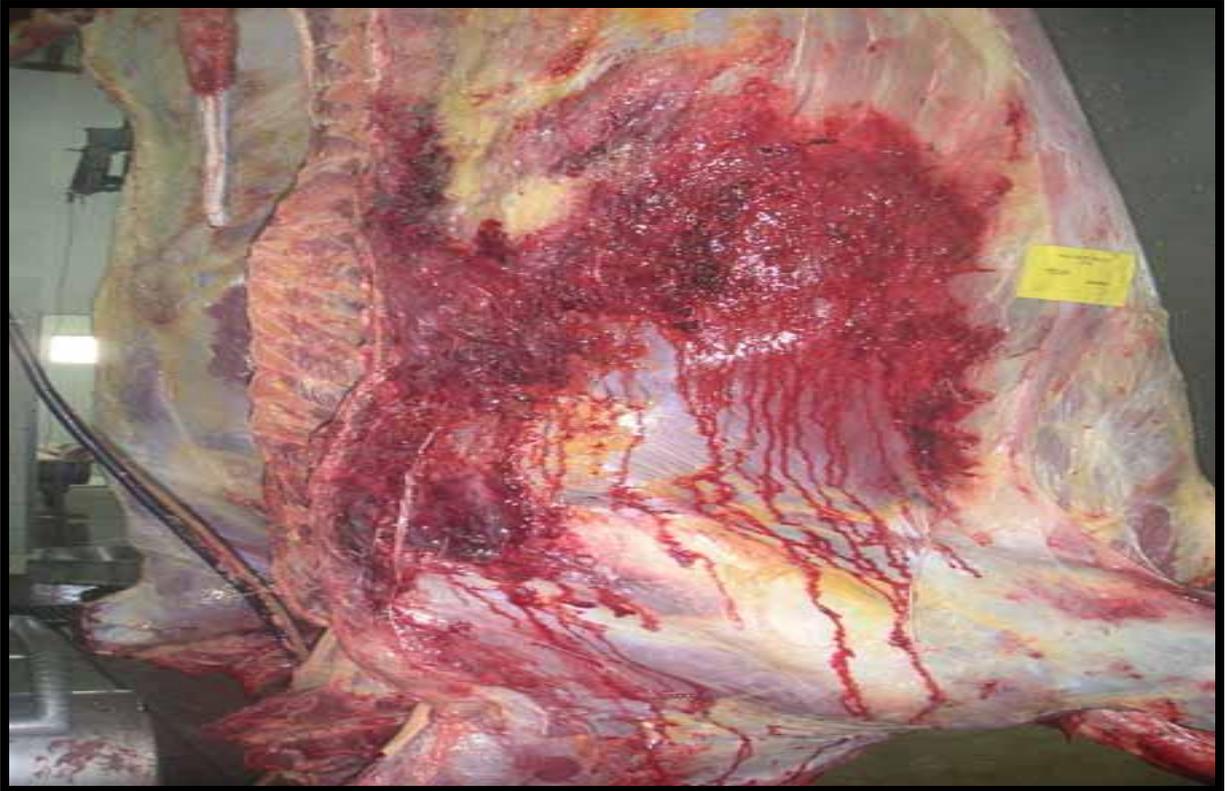
FIGURA 15 - QUEDAS, DEVIDO À SUJEIRA E PISO ESCORREGADIO



FONTE: Amaro (2006)

Lesão provocada durante o transporte inadequado, ou no processo descarregamento (figura 16).

FIGURA 16 - CARNE LESIONADA



FONTE: Amaro (2006)

É extremamente importante que o frigorífico se comunique com a empresa de transporte e motoristas para garantir que os animais sejam embarcados apropriadamente nos caminhões. Ainda, os mesmos devem ser avaliados para determinar se o veículo tem a manutenção apropriada (sem pontas que podem causar ferimentos) e se é provido de assoalho antiderrapante para prevenir de queda ao longo do transporte. O frigorífico deve registrar a auditoria e fornecer as informações às transportadoras e aos motoristas.

## 6. O GLICOGÊNIO MUSCULAR E O pH NA QUALIDADE DA CARNE

O tratamento recebido pelos animais imediatamente antes do abate influencia grandemente a qualidade da carne. Simões (1995) explica que:

Um pH alto, determinado por um nível baixo de glicogênio muscular, é a característica mais notável que influencia o escurecimento numa peça de carne de vaca, este escurecimento (tipo de carne DFD – *Dark, Firm and Dry*, ou seja, Escura, firme e Seca) resulta numa deficiência em glicogênio muscular no momento do abate.

Para o autor supracitado, o método de repouso utilizado antes do abate poderá influenciar a glicemia dos novilhos imediatamente antes do abate e o desenvolvimento ulterior do pH e a maturação das carcaças, podendo, quando inadequado, contribuir para a sua queda de qualidade, nomeadamente para o defeito descrito como *Dark, Firm and Dry*.

Segundo Simões (1995), “estudos realizados sobre a avaliação da qualidade de carcaça e da carne através de provas biológicas em raças de bovinos de carne”, pode-se constatar que os fatores que mais influenciam a qualidade da carne são de dois tipos: os fatores ante mortem e os fatores *post-mortem*. Na figura 17 observam-se lesões em animais destinados ao abate.

FIGURA 17 - SITUAÇÃO EM QUE CHEGAM ALGUNS SUÍNOS PARA O ABATE



FONTE: *Marchig Animal Welfare Trust* (2006)

A figura 18 traz imagem de suíno ao chegar ao frigorífico para o abate.

FIGURA 18 - LESÕES EM ANIMAIS DESTINADOS AO ABATE



FONTE: *Marchig Animal Welfare Trust* (2006)

Igualmente, esta foto mostra a situação de lesões profundas a que são acometidos os animais que são transportados sem os cuidados necessários.

## 6.1 DEMONSTRAÇÕES DE PERDAS EM CARÇAÇAS DEVIDO A LESÕES

Perdas nas carcaças (figura nº19), devido a lesões causadas por maus tratos antes do abate, durante o carregamento ou transporte inadequado, evidenciando grandes prejuízos.

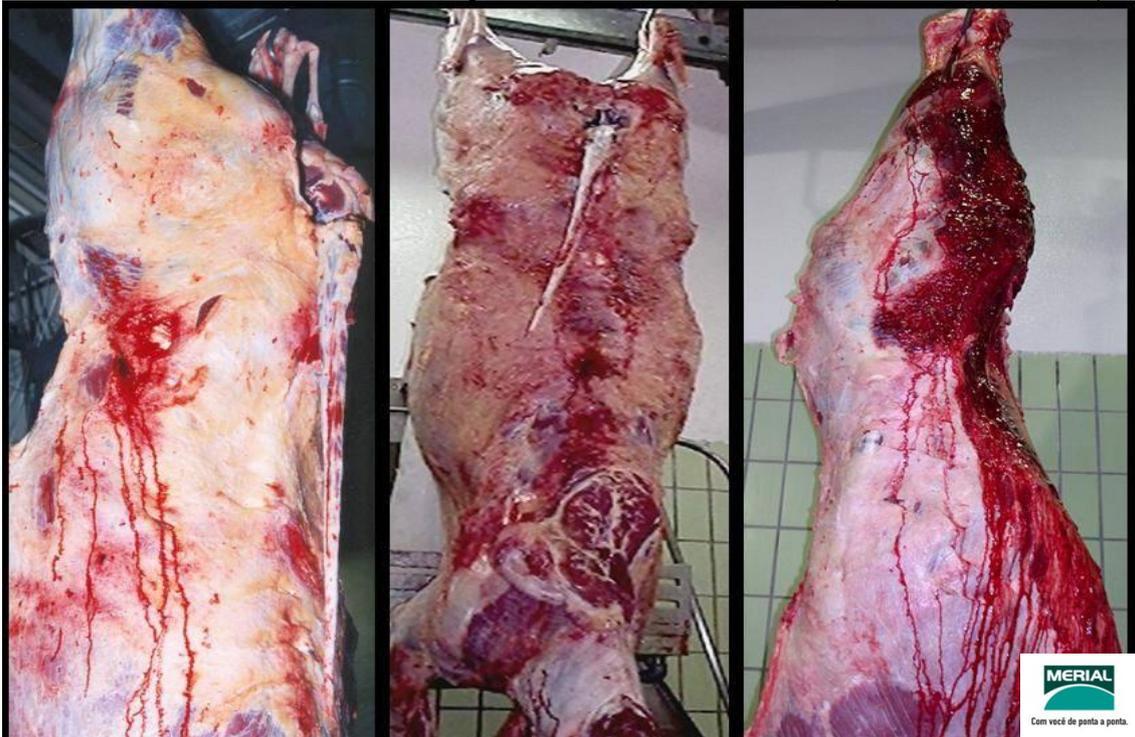
FIGURA 19 - PERDAS NAS CARÇAÇAS



FONTE: Marchig Animal Welfare Trust (2006)

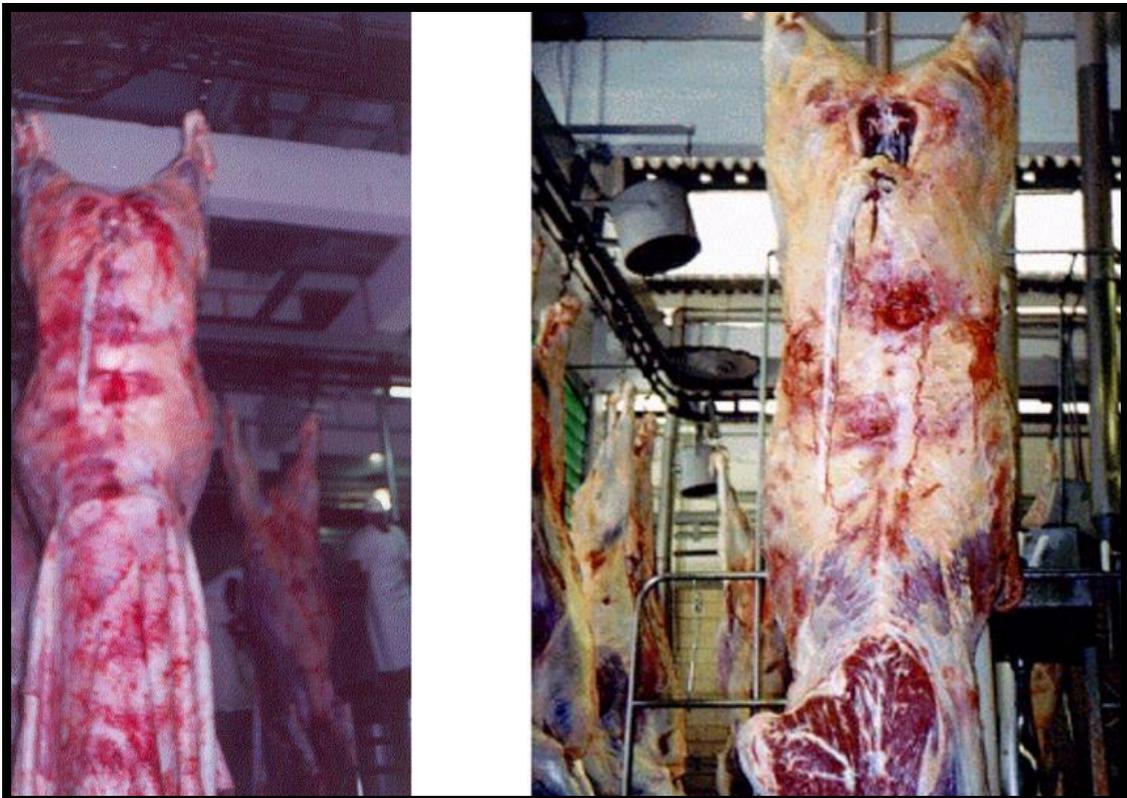
Vale ressaltar que as perdas nas carcaças são ocasionadas principalmente durante o carregamento e o transporte de animais, o que provoca enormes prejuízos para os criadores. Nas figuras 20 e 21, observam-se lesões em carcaças na linha do abate que prejudicam a qualidade e aproveitamento da carne.

FIGURA 20 - LESÕES EM CARÇAÇAS NA LINHA DE ABATE (PREJUÍZO CERTO)



FONTE: MERIAL (2008)

FIGURA 21 - ESTADO EM QUE CHEGAM ALGUMAS CARÇAÇAS NA LINHA DO ABATE



FONTE: MERIAL (2008)

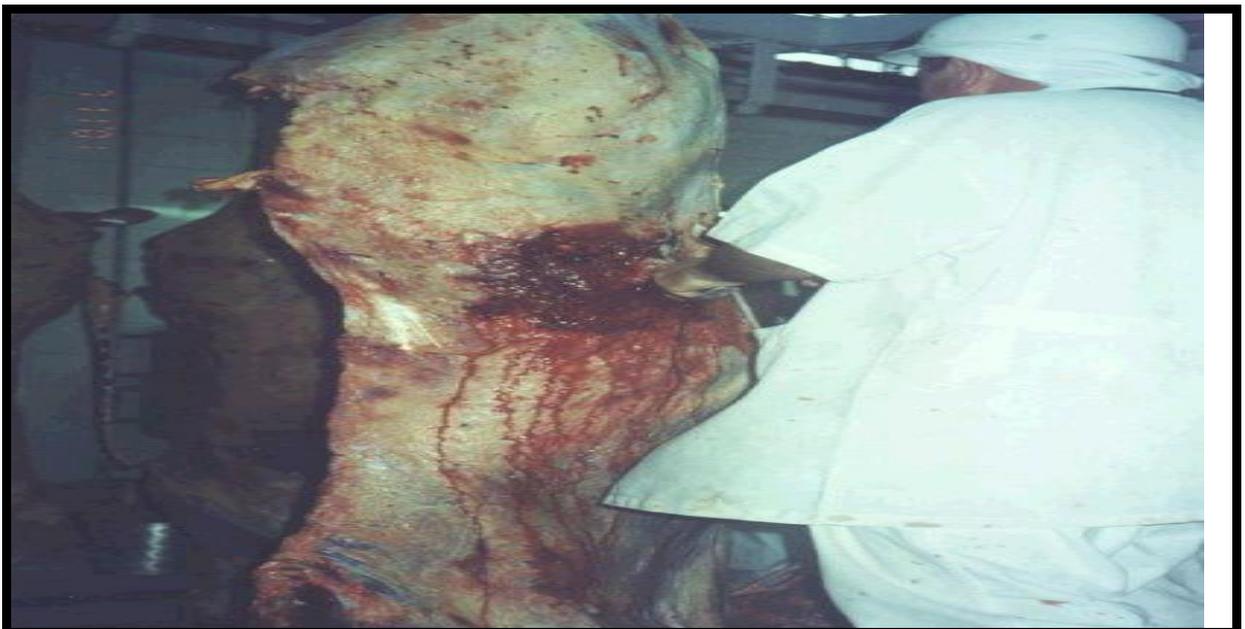
Nesse caso na figura 22, o animal sofreu pancadas e o produto final irá sofrer alterações na cor, no sabor o que acarretará prejuízo ao produtor/criador.

FIGURA 22 - DEMONSTRAÇÃO DA GRANDE PERDA EM UMA CARÇA DEVIDO À LESÃO CAUSADA POR PANCADAS



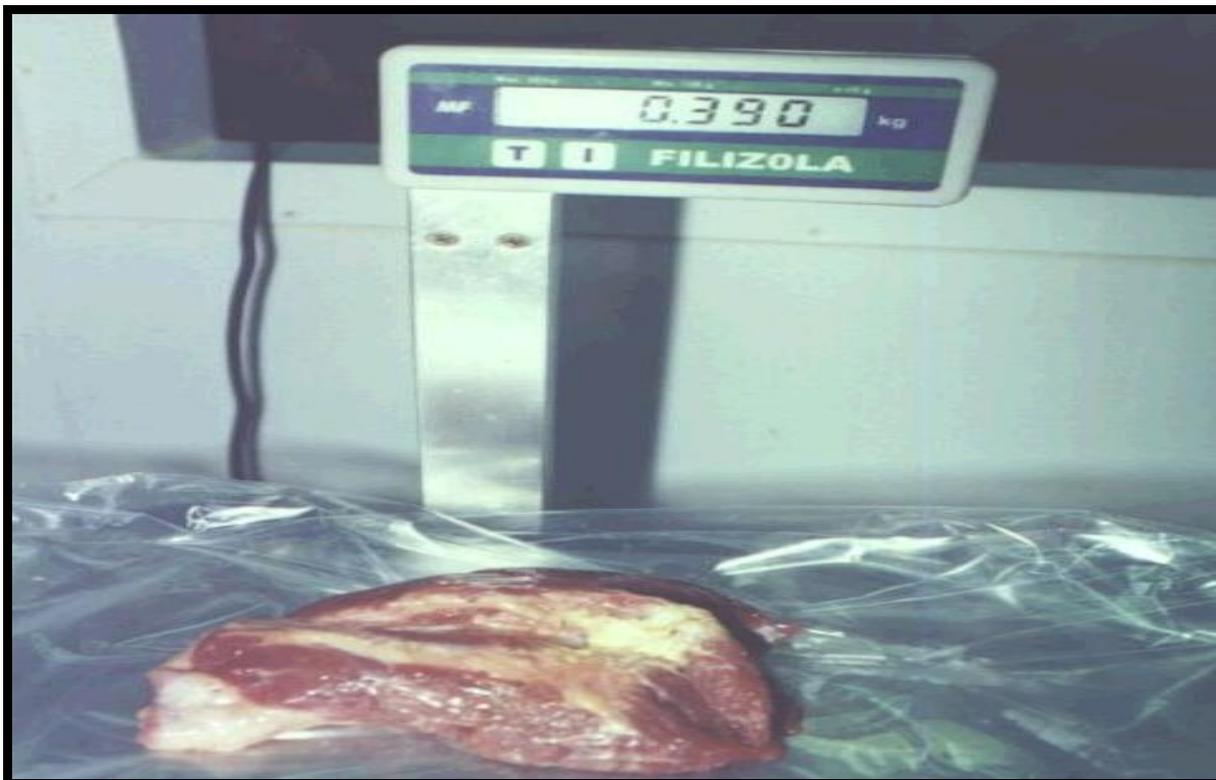
FONTE: MERIAL (2008)

FIGURA 23 - SECÇÃO DE UMA LESÃO EM UMA CARÇA



FONTE: MERIAL (2008)

FIGURA 24 - DEMONSTRAÇÃO DA PERDA EM UMA CARÇAÇA DEVIDO A UMA LESÃO



FONTE: Merial (2008)

Em média uma simples lesão causa uma perda em até 400g de carne. Portanto, cabe ao produtor e ao transportador e/ou empresas, evitar situações que favoreçam a ocorrência de tantas perdas que poderão ser evitadas somente através de um trabalho consciente.

## 7. AÇÕES DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA COM RELAÇÃO AO BEM-ESTAR ANIMAL NO BRASIL

Existe no Brasil a preocupação com o bem-estar animal, quando foram estabelecidas medidas de proteção animal também pelo Decreto nº 24.645, no qual os princípios de respeito aos animais já eram observados. Em relação a esse assunto Roriz (2008, p. 1) menciona:

Em 10 de julho de 1934, era Vargas, o Estado por meio do Decreto n.º 24.645 em Brasil (1934) estabeleceu medidas reconhecendo como tutelados todos os animais existentes no país. A Unesco, em sessão realizada em Bruxelas, Bélgica, em 27 de janeiro de 1978, proclamou a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proposta pelo Dr. Georges Heuse, cientista ilustre e secretário geral do Centro Internacional de Experimentação de Biologia Humana. Os catorze artigos da Declaração precederam seis parágrafos de 'Considerando' sobre direitos dos animais, quanto aos crimes cometidos pelo homem, a coexistência de outras espécies, genocídios, respeito e a importância da educação do ser humano sobre os Direitos dos Animais desde a infância.

Cabe acatar a ideia de que o direito a existência não é tão somente um direito próprio do ser humano, mas de todos que tem vida, ainda que sejam considerados irracionais. Na opinião do autor supracitado, as “aves são mais racionais que os homens, pois, a irracionalidade econômica presente nos humanos, não está presente no mundo animal”.

Devido à relevância do bem estar-animal, o governo brasileiro, por intermédio do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento criou por meio da Portaria nº 185 de 17 de março de 2008 em Brasil (2008a), a Comissão Técnica Permanente de Bem-estar Animal, com o objetivo principal de coordenar as mais diversas ações referentes a este tema na produção animal.

Dentre a ação da Comissão Técnica Animal existe o Termo de Cooperação Técnica com a Sociedade Mundial Animal (WSPA), tem a intensificação do programa de capacitação dos Fiscais Federais Agropecuários que atuam no Serviço de Inspeção Federal (SIF), nas ações diretamente ligadas aos requisitos de bem-estar animal e abate humanitário. Tem-se a cooperação científica em bem-estar animal com pesquisadores da Empresa de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Universidades Brasileiras visando estabelecer uma base científica nacional para animais de produção. Tem-se articulação com entidades representativas do setor

produtivo animal, buscando maior envolvimento e atuação nas questões relativas ao bem-estar animal, busca-se cooperação técnica com países a fim de harmonizar ações e troca de experiências na área de bem-estar animal, e parceria institucional com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na linha de financiamento para pesquisa em bem-estar animal.

## **8. MATERIAL E MÉTODOS**

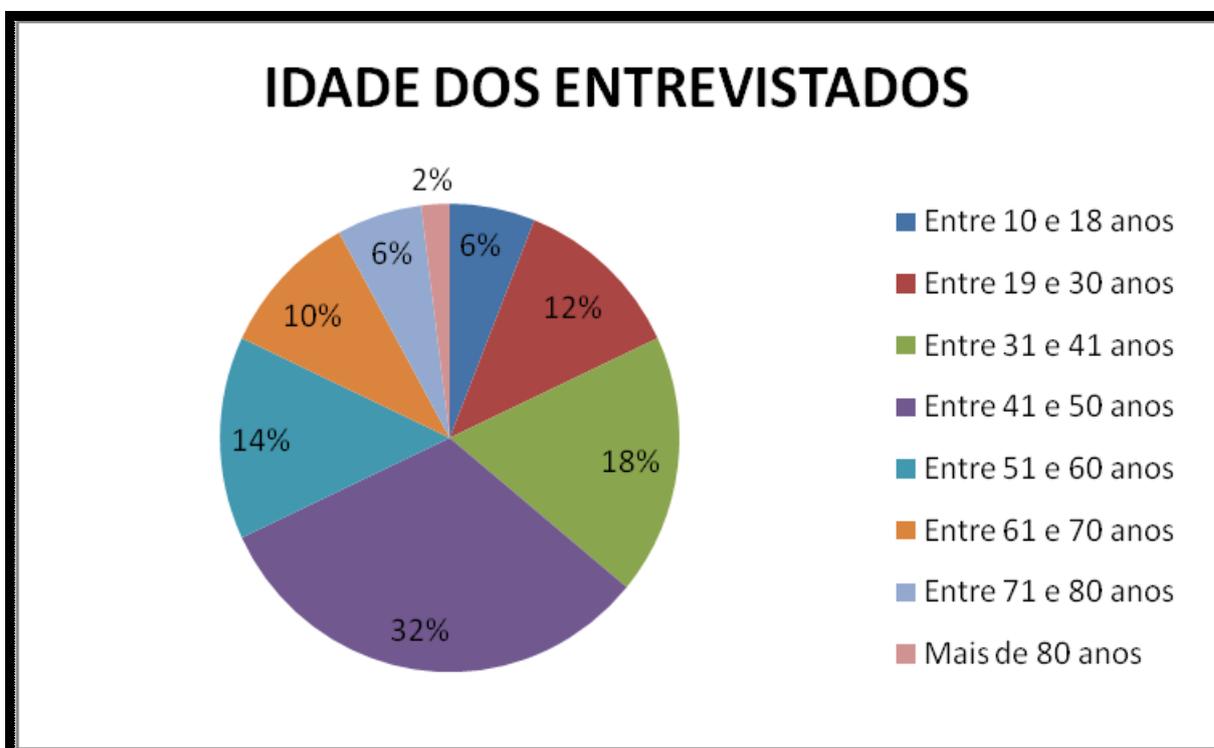
Foram tomados como sujeitos da pesquisa, produtores rurais dos municípios de Jaguariaíva e Piraí do Sul, e Arapoti. Os produtores entrevistados são da área da avicultura de corte, avicultura de postura, bovinocultura de leite e de corte, suinocultura e em propriedades cuja atividade principal seja a lavoura, mas mantêm também animais de produção.

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados, um questionário de perguntas objetivas, relacionadas ao conhecimento, ou seja, a percepção e a opinião dos produtores em relação ao bem-estar animal, desde a produção ao abate, onde foram entrevistados 300 (trezentos) produtores rurais. Os resultados serão apresentados em forma de gráficos, analisados, e comentados neste trabalho.

## 9. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se que uma parte maior dos entrevistados está na faixa entre 10 aos 60 anos de idade, demonstrando a permanência no campo de pessoas com plena força de trabalho, demonstrando que onde ocorrem sistemas como os da integração (empresa-produtor), predominante na região pesquisada, estes sistemas, quando instalados em uma região, podem ter a capacidade de manter o homem no campo, dando-lhes condições mais aceitáveis de vida, assegurando-lhes preço e mercado para seus produtos, o que provavelmente não seria atingido no mesmo nível como produtores independentes. Embora isto tenha um custo, que é o de permanecerem econômica e socialmente atrelados às empresas integradoras, sem chances de retornarem ao que eram antes, devido à competitividade de mercado, que exige alta produção, com menor custo e em menor tempo.

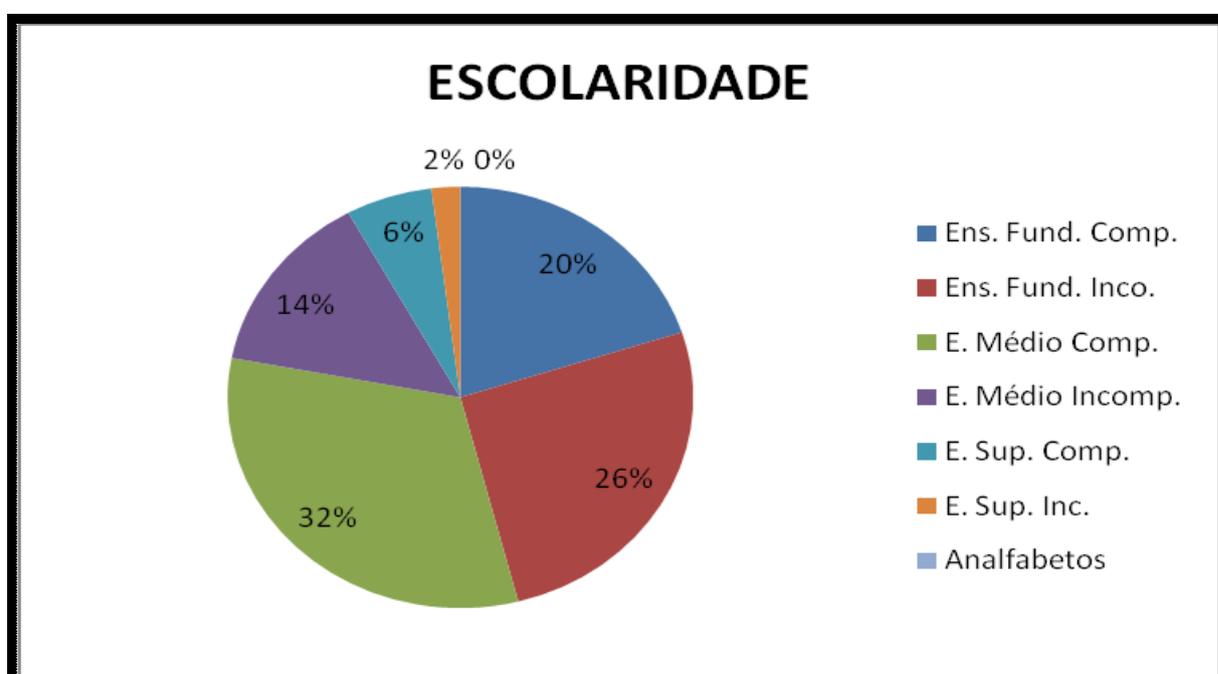
FIGURA 25 - PORCENTUAIS DE IDADE DOS ENTREVISTADOS, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. QUAL É A SUA IDADE?



Fonte: O autor (2011)

Quanto à escolaridade nota-se que mais de 50% dos entrevistados, juntos; concluíram o ensino fundamental e o ensino médio, 156 produtores, o que demonstra um nível de escolaridade maior, e por conseqüência, maior nível de informação, citando-se ainda os 8% somados, 24 produtores (com ensino superior incompleto e os que completaram), que na maioria são os filhos destes produtores, buscando melhor formação, e em muitos casos retornando ao local de origem, para assim desenvolverem seus trabalhos.

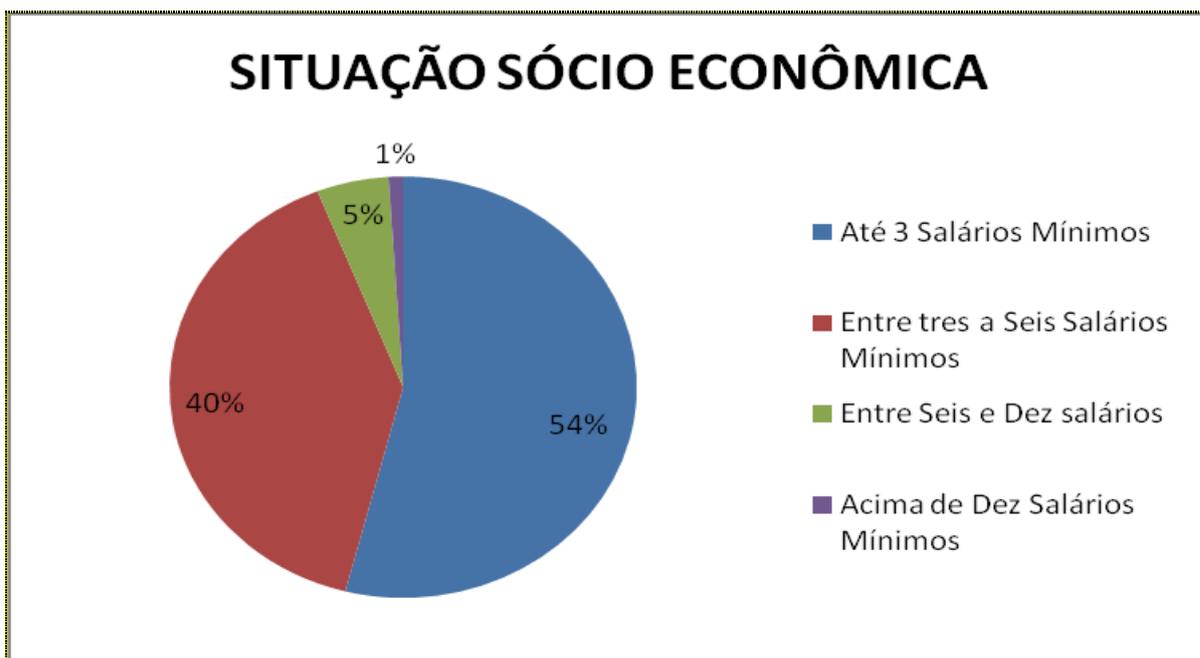
FIGURA 26 - PORCENTUAIS DE ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS, DE ACORDO COM A PERGUNTA. QUAL A SUA ESCOLARIDADE?



FONTE: O autor (2011)

Em relação à situação sócio econômica dos entrevistados, percebe-se que os mesmos apresentam uma situação relativamente estável.

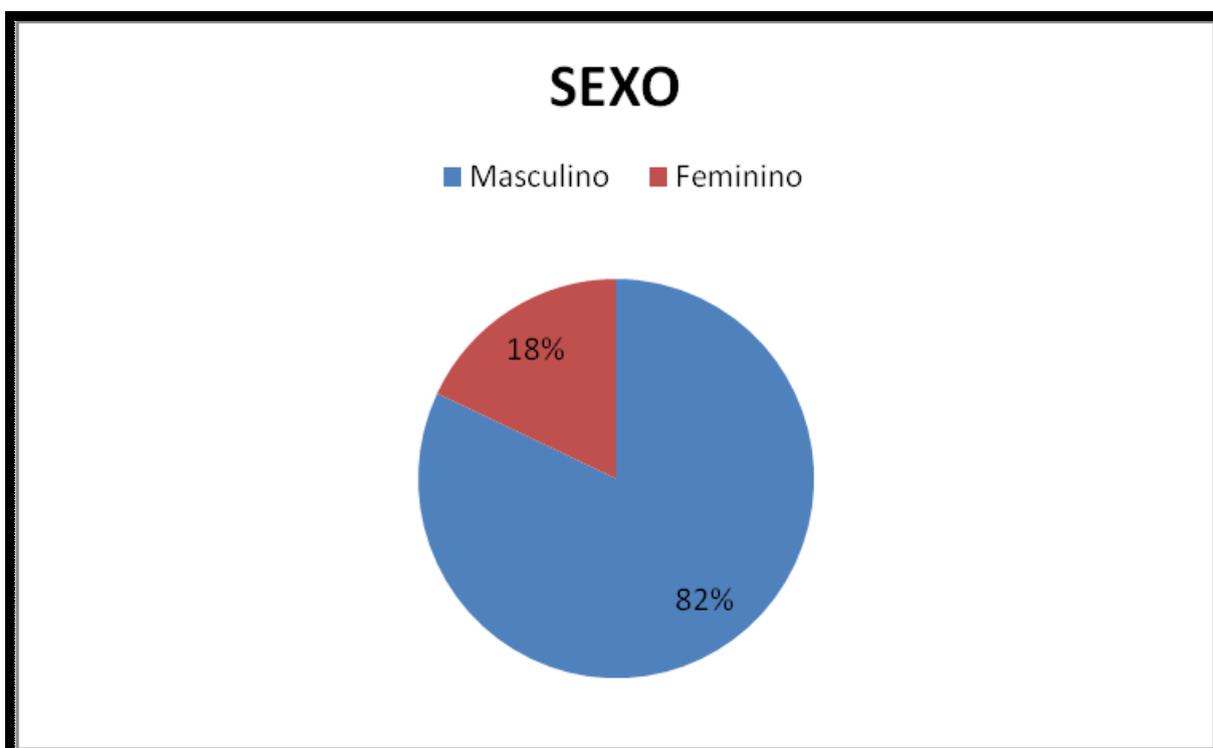
FIGURA 27 - PORCENTUAIS DA SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DOS ENTREVISTADOS, DE ACORDO COM A PERGUNTA. QUAL A SITUAÇÃO SÓCIO ECONÔMICA?



FONTE: O autor (2011)

Quanto ao gênero dos entrevistados a maioria é do sexo masculino (82%), sendo os homens mais encontrados nas granjas produtoras, e mais dispostos à entrevista, o que não exime a participação feminina, que em muitas propriedades tem forte presença nos criatórios ou nas fazendas, além das demais atividades que possuem.

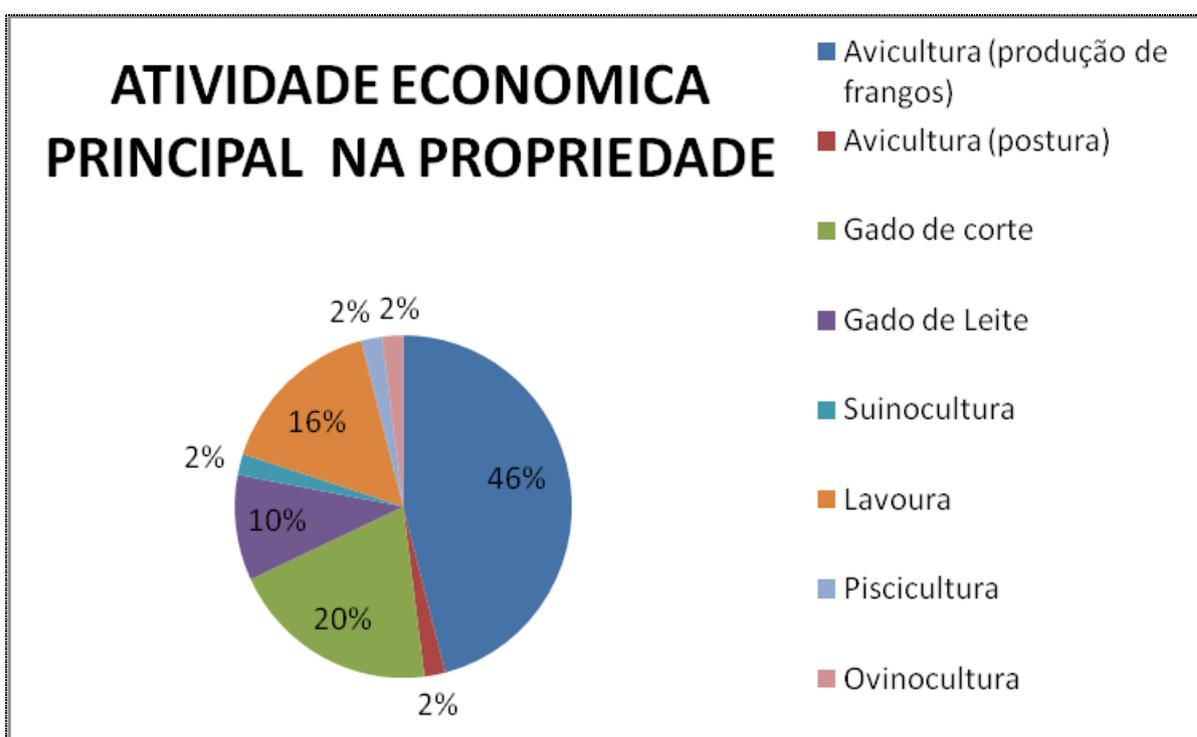
FIGURA 28 - PORCENTUAIS EM RELAÇÃO AO SEXO DOS ENTREVISTADOS, DE ACORDO COM A PERGUNTA. QUAL O SEU SEXO?



FONTE: O autor (2011)

Em relação à principal atividade econômica, os resultados mostram que a atividade que predomina na região pesquisada é a avicultura (48%), no entanto é preciso destacar que a criação de gado de corte e leite corresponde por (30%) das atividades principais nas propriedades entrevistadas. As demais atividades ocupam porcentagens bem menores.

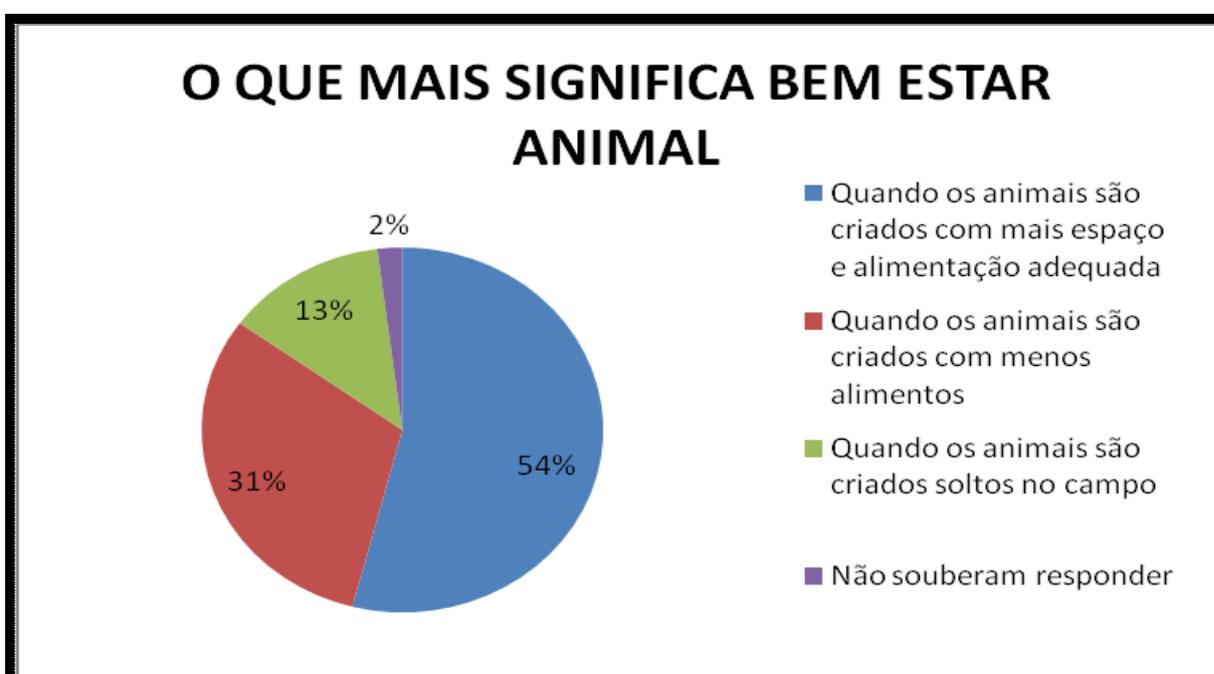
FIGURA 29 - PORCENTUAIS DE QUAL A ATIVIDADE PRINCIPAL NA PROPRIEDADE, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. QUAL A ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL NA PROPRIEDADE?



FONTE: O autor (2011)

Em relação ao bem estar animal, o que chamou a atenção, é que mais da metade dos entrevistados (162 produtores), relacionou espaço e alimentação como fatores principais para o bem estar animal, mesmo quando a principal atividade na propriedade impõe confinamento e rações balanceadas aos animais de produção, como na criação das aves de postura e corte, e na suinocultura, demonstrando-se a consciência destes produtores em relação a um bem estar para os animais que produzem.

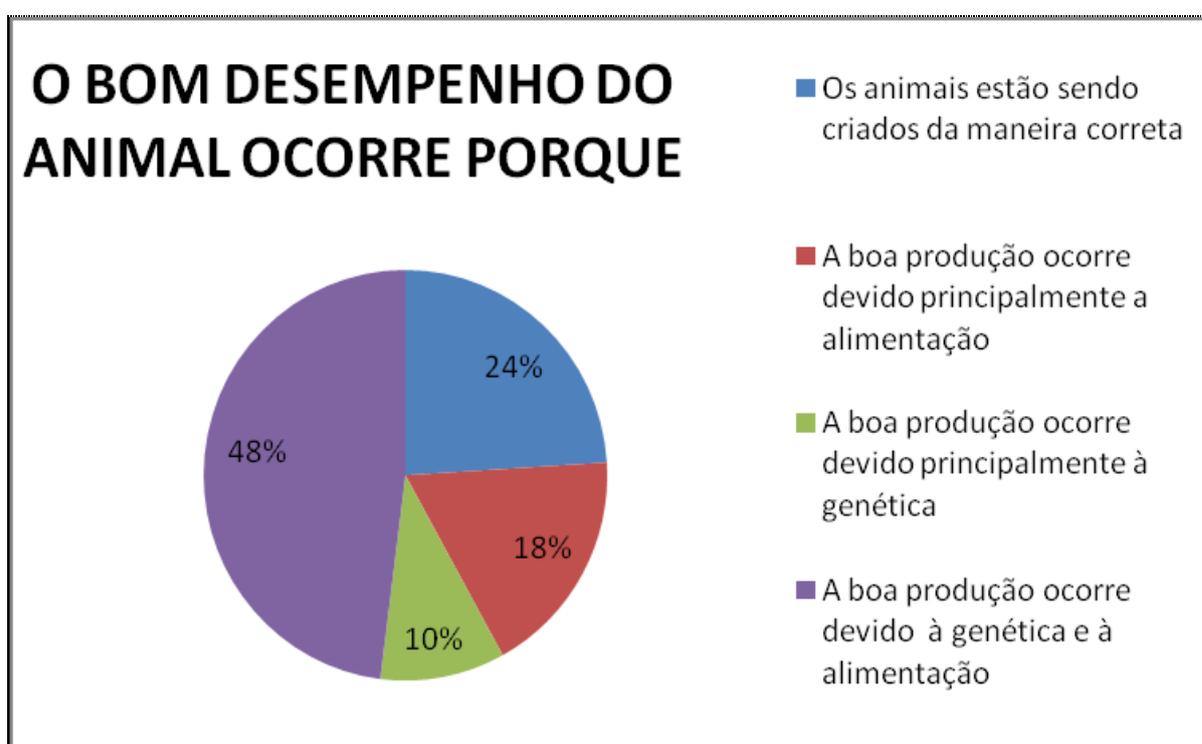
FIGURA 30 - PORCENTUAIS EM RELAÇÃO AO BEM-ESTAR ANIMAL, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. PARA VOCÊ, O QUE MAIS SIGNIFICA BEM-ESTAR ANIMAL?



FONTE: O autor (2011)

Quanto ao bom desempenho do animal mostra-se, que quase a metade dos produtores rurais (48%), ou seja, 144 produtores, enfatizou a importância que existe na associação entre uma boa alimentação e a genética, e que sozinhas não proporcionariam os mesmos resultados para um bom índice de produtividade, mostrando-se o bom conhecimento do produtor.

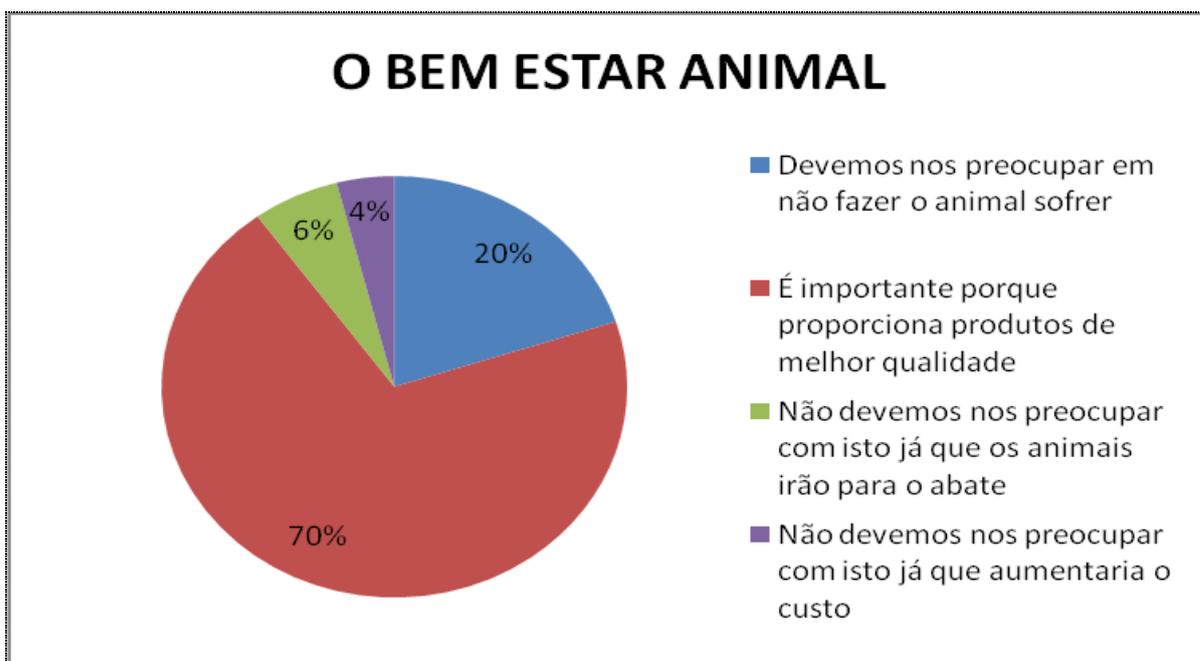
FIGURA 31 - PORCENTUAIS EM RELAÇÃO AO BOM DESEMPENHO DOS ANIMAIS, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA : O BOM DESEMPENHO DO ANIMAL OCORRE PORQUE ?



FONTE: O autor (2011)

Quanto à importância do bem-estar animal, essa representação demonstra que o produtor tem plena consciência, em sua maioria (70%), 210 produtores, que uma política de bem-estar animal nos sistemas de produção, resultara em produtos de melhor qualidade e melhor aceitabilidade pelos consumidores.

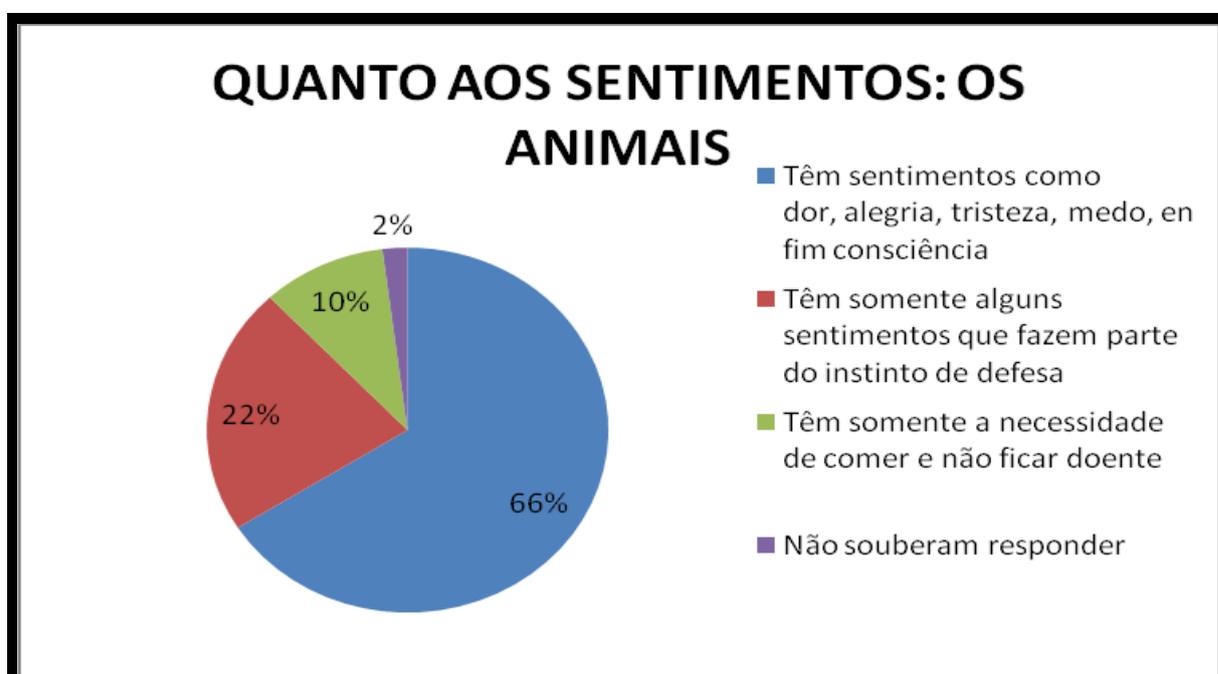
FIGURA 32 - PORCENTUAIS EM RELAÇÃO À IMPORTÂNCIA DO BEM-ESTAR ANIMAL NA VISÃO DOS ENTREVISTADOS, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. PORQUE O BEM-ESTAR ANIMAL É IMPORTANTE?



FONTE: O autor (2011)

Em relação aos sentimentos dos animais (66% dos entrevistados), 198 produtores, mesmo os produtores que trabalham com animais em confinamento, animais que tem grande parte de seus hábitos naturais reprimidos, acreditam que os animais são seres sencientes, isto é, tem sentimentos e consciência, assim acham que deve haver a preocupação em cuidar mais das condições de criação em que são submetidos.

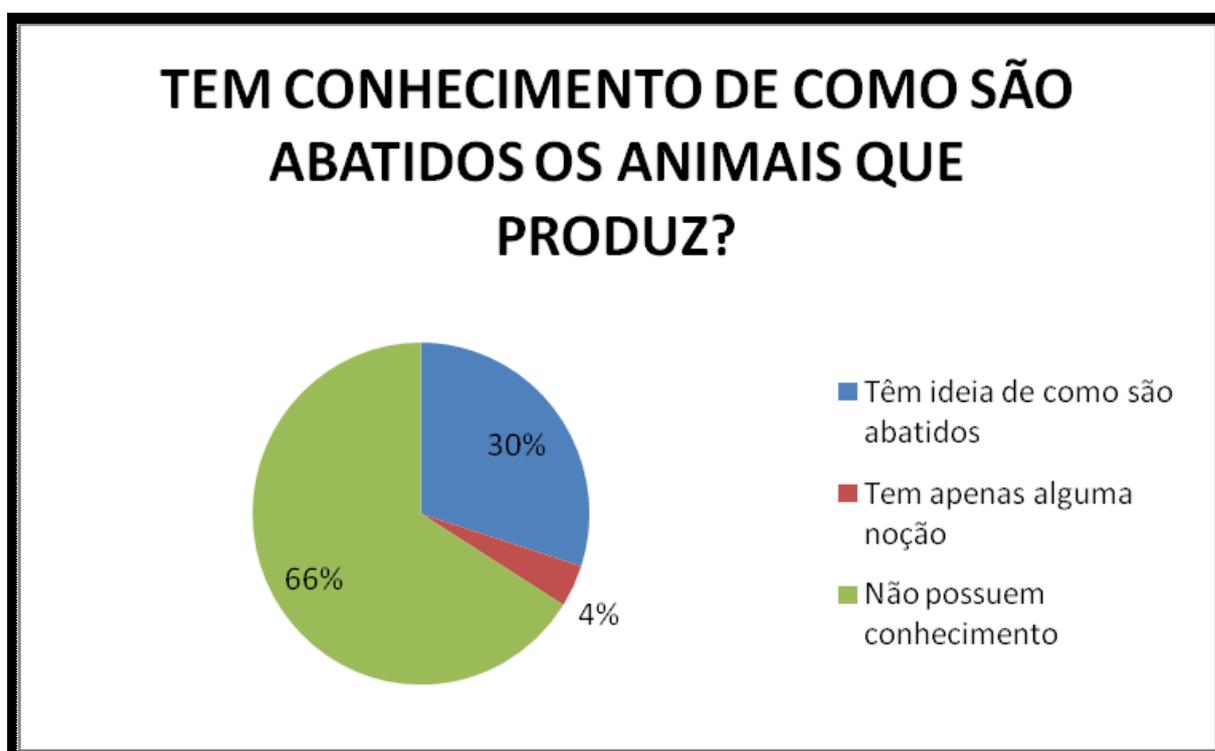
FIGURA 33 - PORCENTUAIS EM RELAÇÃO AOS SENTIMENTOS DOS ANIMAIS, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. VOCÊ ACHA QUE OS ANIMAIS TÊM SENTIMENTOS?



FONTE: O autor (2011)

Quanto ao conhecimento sobre abate, essa questão, mostra que (66%), ou seja, 198 produtores, não possuem conhecimento no que se refere aos métodos e condições de abate dos animais que produzem. É importante que os criadores tenham conhecimento de toda a cadeia de produção, inclusive o abate, mesmo o abate sendo a etapa final da cadeia de produção, tem grande efeito na qualidade dos produtos.

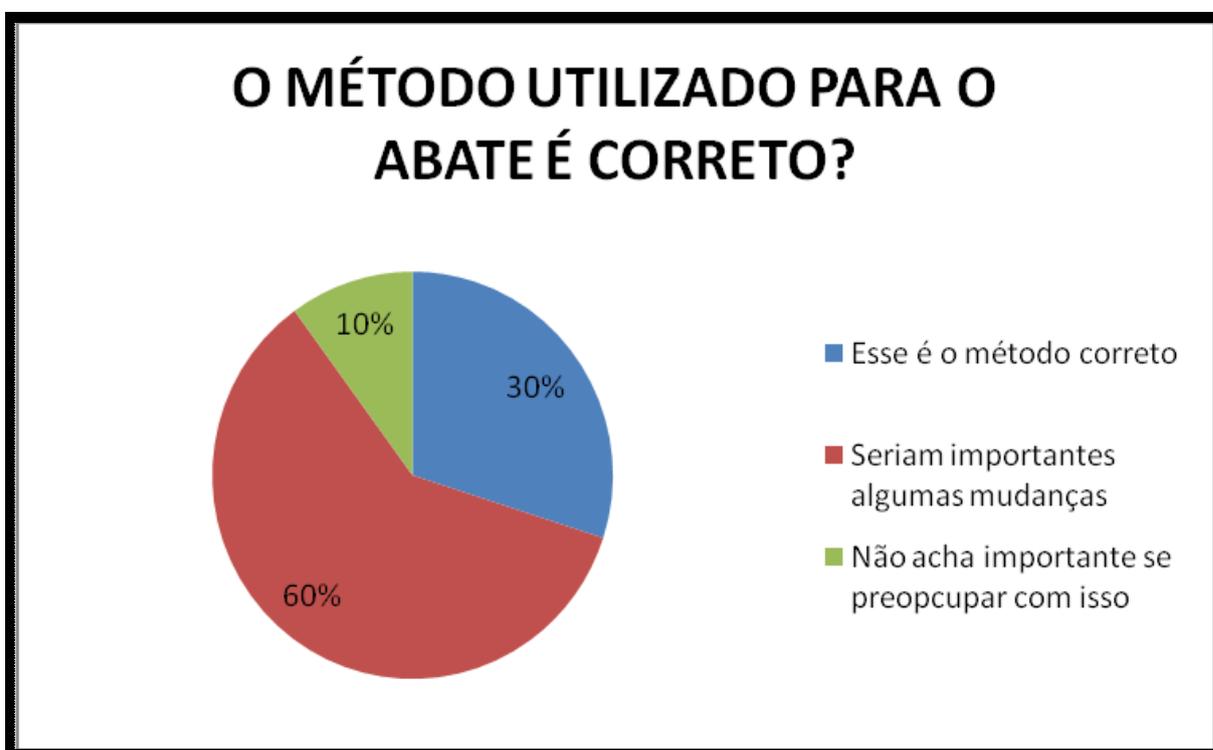
FIGURA 34 - PORCENTUAIS EM RELAÇÃO AO CONHECIMENTO DE COMO SÃO ABATIDOS OS ANIMAIS QUE PRODUZ, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. VOCÊ TEM CONHECIMENTO DE COMO SÃO ABATIDOS OS ANIMAIS QUE PRODUZ?



FONTE: O autor (2011)

Dos que afirmaram ter conhecimento de como são abatidos os animais que produzem a grande maioria (60%), ou seja, 180 produtores acham importantes mudanças para buscar-se o abate com melhores condições para os animais, demonstrando-se, o conhecimento destes produtores, em relação às péssimas condições a que são submetidos muitos animais durante o abate, principalmente em matadouros municipais.

FIGURA 35 - PORCENTUAIS EM RELAÇÃO À OPINIÃO DOS PRODUTORES SOBRE OS MÉTODOS UTILIZADOS PARA O ABATE, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. TEM CONHECIMENTO A RESPEITO DO ABATE E ACHA CORRETO O MÉTODO UTILIZADO?



FONTE: O autor (2011)

Quanto ao conhecimento sobre o que é Abate Humanitário tem-se que é um termo não muito compreendido pelos criadores, pois apenas (38%), num total de 114 produtores, acham que a pergunta refere-se a abate com menos sofrimento para os animais. Uma percentagem grande de criadores desconhece totalmente o termo, tanto que não souberam responder.

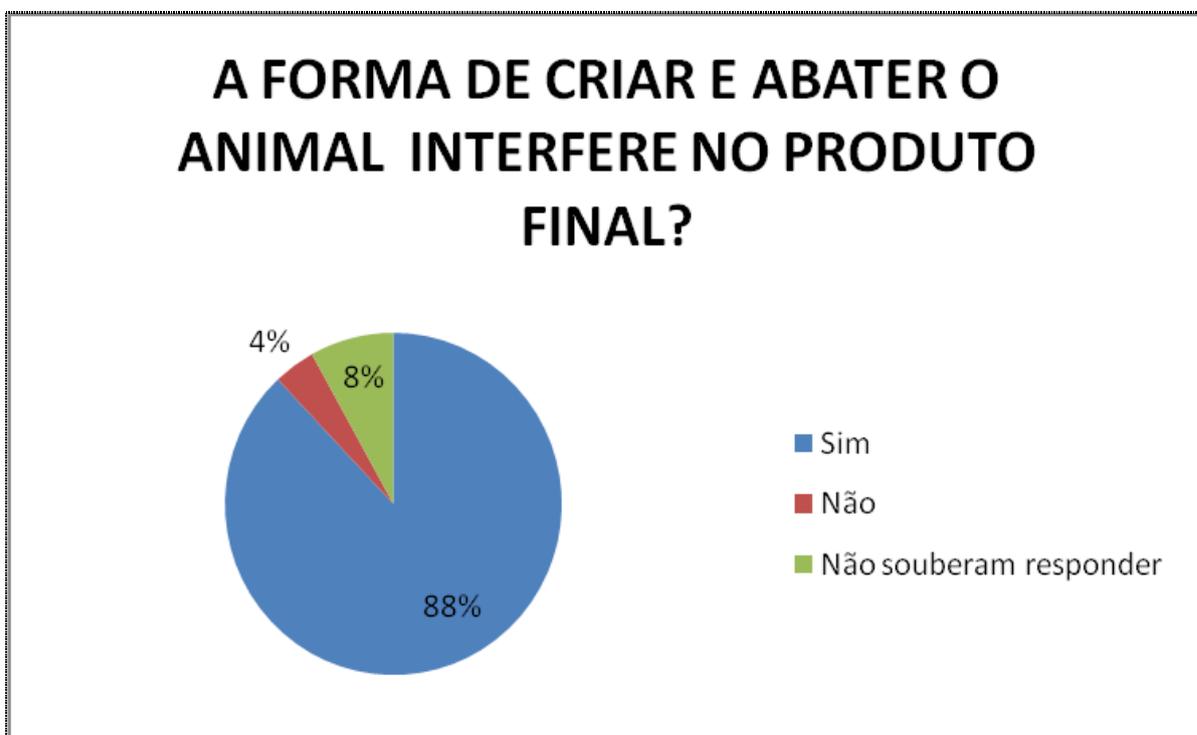
FIGURA 36 - PORCENTUAIS EM RELAÇÃO AO ENTENDIMENTO SOBRE ABATE HUMANITÁRIO, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. O QUE SIGNIFICA ABATE HUMANITÁRIO?



FONTE: O autor (2011)

Quanto ao entendimento se a forma de criar e abater o animal interfere no produto final demonstra-se que os criadores entendem que a boa compreensão, na relação entre a qualidade final dos produtos, e a influência dos métodos de criação e abate sobre a produção, haja vista que (88%), 264 produtores, responderam que sim.

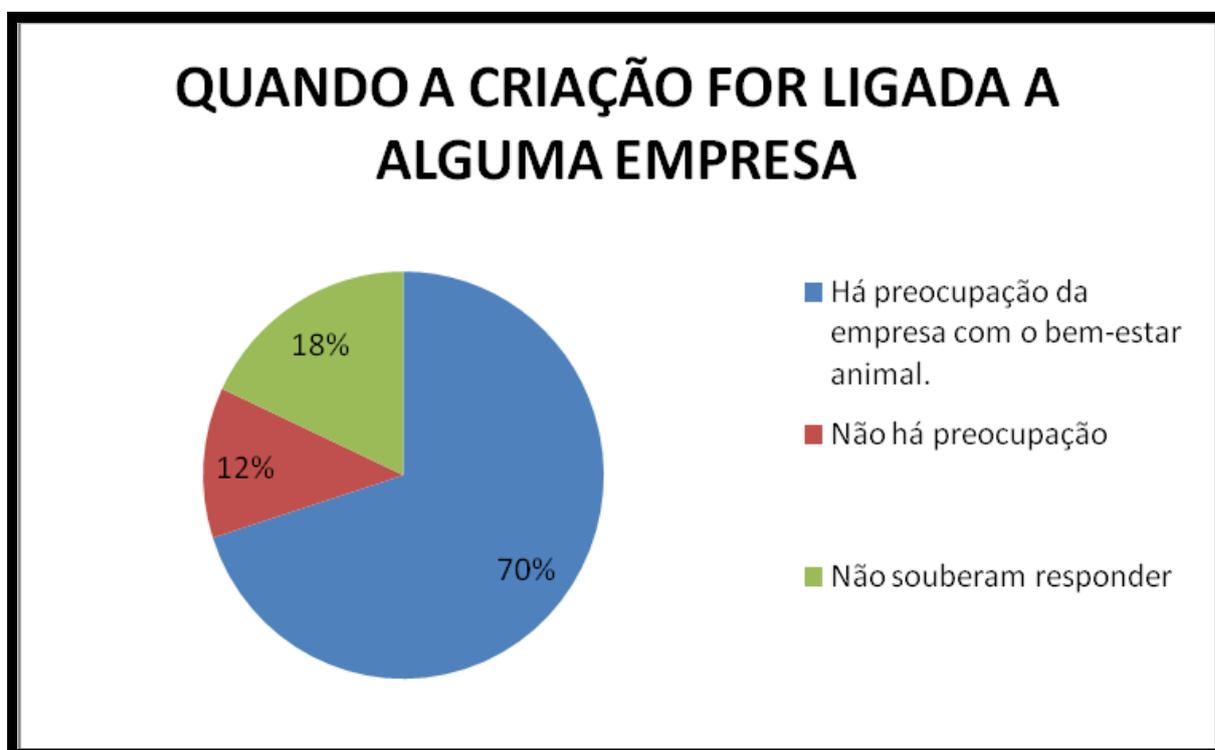
FIGURA 37 - PORCENTUAIS EM RELAÇÃO À INFLUÊNCIA QUE EXERCE A FORMA DE CRIAÇÃO E ABATE DOS ANIMAIS, SOBRE A QUALIDADE FINAL DOS PRODUTOS, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. A MANEIRA COMO OS ANIMAIS SÃO CRIADOS E ABATIDOS PODE INTERFERIR NA APARÊNCIA E QUALIDADE DOS PRODUTOS FINAIS?



FONTE: O autor (2011)

Quanto ao fato de a criação estar ligada a alguma empresa a maioria dos entrevistados, ou seja, (70%), num total de 210 produtores, afirmam que as empresas têm preocupação com o bem estar animal, em suas atividades, principalmente os criadores integrados às empresas, de onde recebem orientações de bem estar animal nos sistemas de produção.

FIGURA 38 - PORCENTUAIS EM RELAÇÃO AO CONHECIMENTO DOS PRODUTORES SOBRE AS AÇÕES DAS EMPRESAS NAS POLÍTICAS DE BEM-ESTAR ANIMAL, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. QUANDO A CRIAÇÃO FOR LIGADA A ALGUMA EMPRESA, VOCÊ ACHA QUE?



FONTE: O autor (2011)

Quanto à questão se é correto deixar de consumir um produto associado ao sofrimento animal, respondendo sucintamente o que lhes fora perguntado, a maioria (74%), 222 produtores, acham correto deixar de consumir produtos associados ao sofrimento animal, embora na prática, isto esteja longe de se tornar realidade, pelo fato de praticamente não dispor de meios mais claros, para poder fazer tal discernimento, quanto à origem dos alimentos em relação às práticas de bem estar animal.

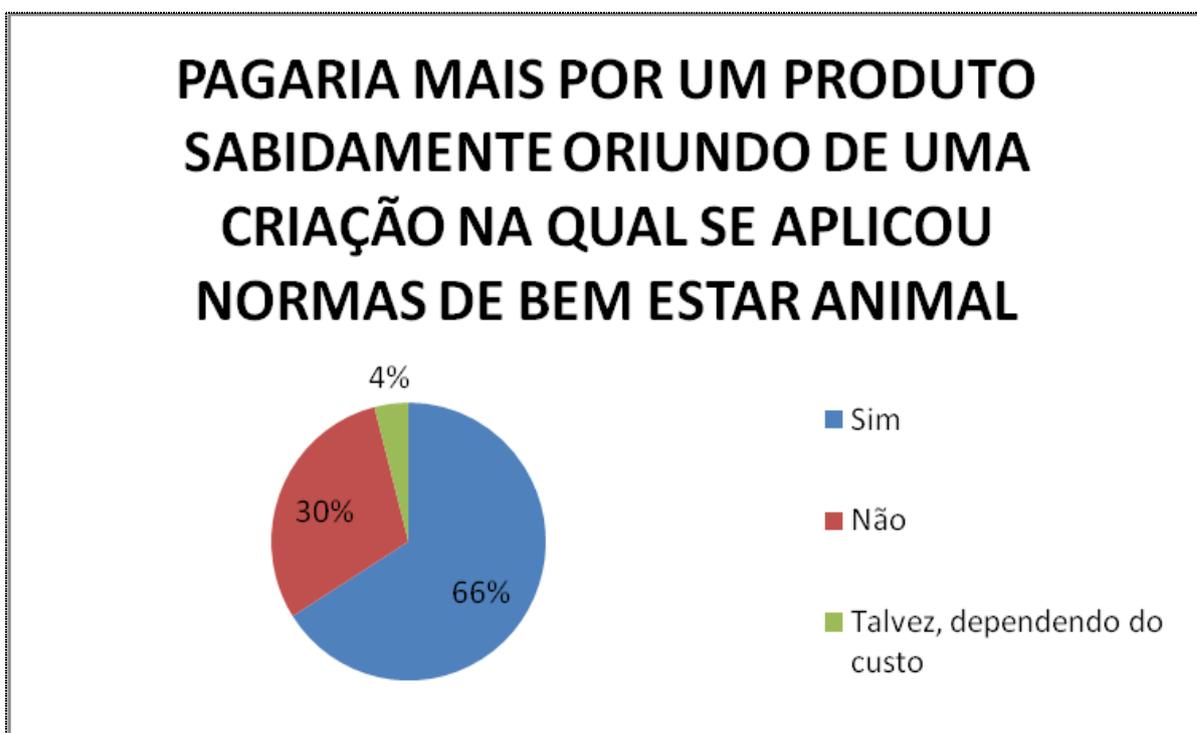
FIGURA 39 - PORCENTUAIS SOBRE A OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS SOBRE O CONSUMO DE ALIMENTOS SABIDAMENTE LIGADOS AO SOFRIMENTO ANIMAL, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. É CORRETO DEIXAR DE CONSUMIR UM PRODUTO ASSOCIADO AO SOFRIMENTO ANIMAL?



FONTE: O autor (2011)

Quanto à questão se pagaria mais por um produto sabidamente oriundo de uma criação na qual se aplicou normas de bem-estar animal, (66%) dos entrevistados, 198 produtores, declararam que não se importariam em pagar um pouco mais por estes produtos, mostrando-se dispostos em aceitar a implantação da política do bem estar nos animais de produção, desde que isso possa ser comprovado e lhes de retorno inclusive financeiro.

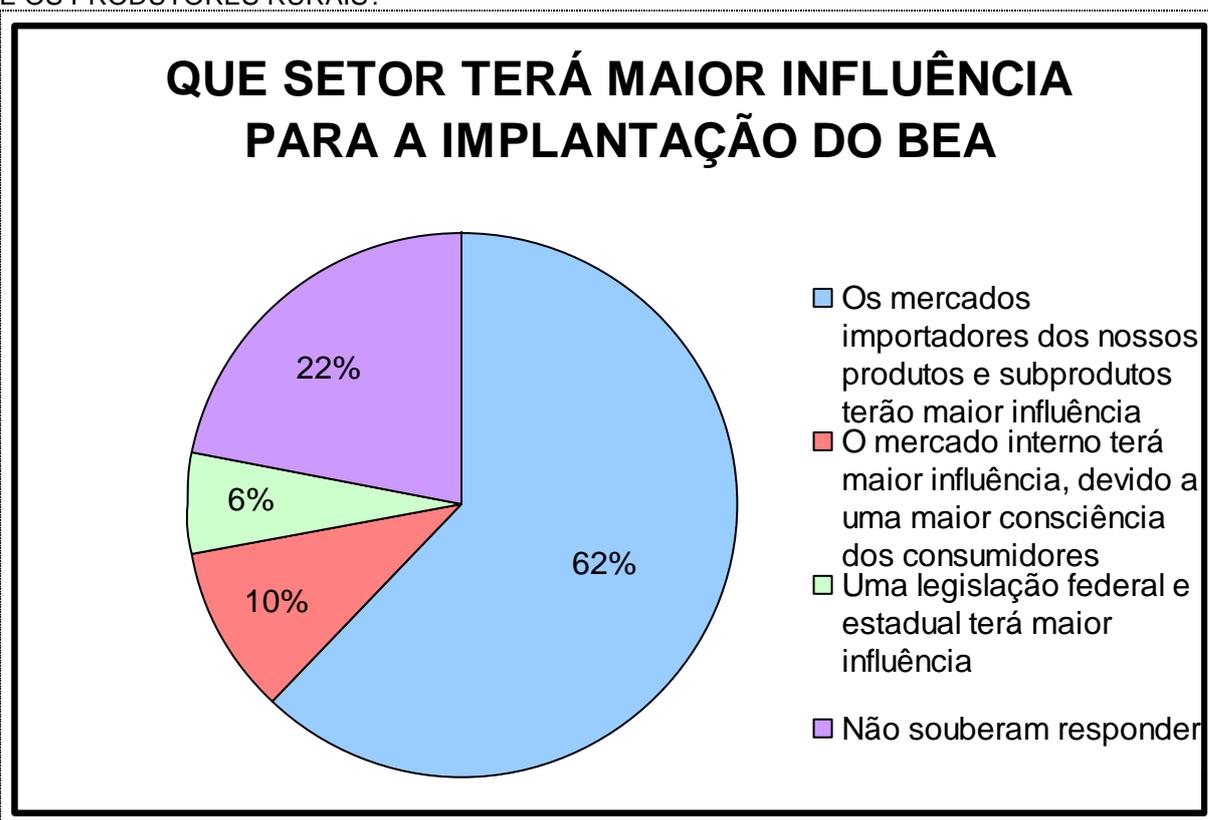
FIGURA 40 - PORCENTUAIS SOBRE A OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS, EM RELAÇÃO À POSSIBILIDADE DE CUSTOS MAIS ELEVADOS, EM PRODUTOS ORIGINÁRIOS DE PROPRIEDADES ONDE OCORREU A PRÁTICA DO BEM-ESTAR ANIMAL, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA, PAGARIA MAIS POR UM PRODUTO SABIDAMENTE ORIUNDO DE UMA CRIAÇÃO NA QUAL SE APLICARAM NORMAS DE BEM-ESTAR ANIMAL?



FONTE: O autor (2011)

Quanto à questão que setor terá maior influência para a implantação do BEA, (62%) dos entrevistados, 186 produtores, afirmam que quem compra dita as regras, isto é, a política de implantação do BEA junto ao sistema de produção do Brasil, ocorrerá na medida em que forem crescendo as exigências dos importadores ou compradores, assim é preciso que haja adequação para não perder no mercado, e uma maior consciência dos consumidores internos e externos farão com que ocorra um desenvolvimento mais rápido, das questões relacionadas ao bem estar animal.

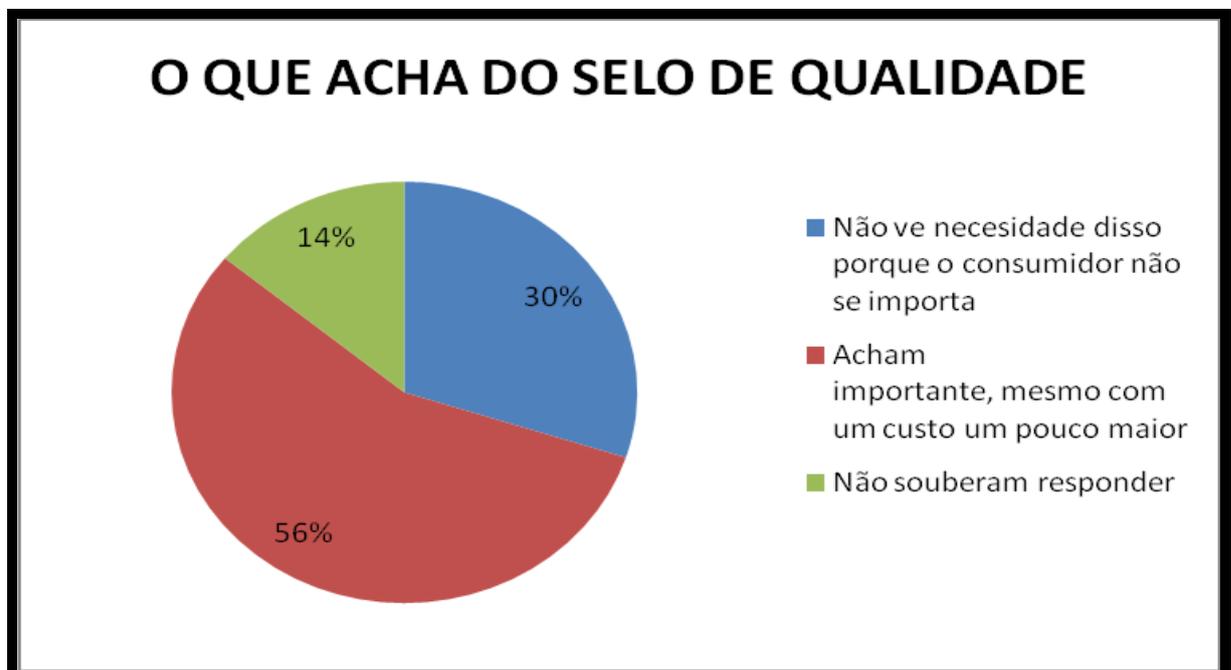
FIGURA 41 - PORCENTUAIS OBTIDOS NAS RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS, EM RELAÇÃO À INFLUÊNCIA DE SETORES NA IMPLANTAÇÃO DAS POLÍTICAS DE BEA NO BRASIL, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. A QUESTÃO DO BEM-ESTAR ANIMAL É UMA EXIGÊNCIA CRESCENTE NO MUNDO E NO BRASIL, QUE SETOR TERÁ MAIOR INFLUÊNCIA PARA A IMPLANTAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO BEA JUNTO ÀS EMPRESAS E OS PRODUTORES RURAIS?



FONTE: O autor (2011)

Quanto ao selo de qualidade, (56%), 168 produtores, acham importante a identificação destes produtos (carne bovina, suína, de aves, peixes, ovos etc.), como ocorre com produtos orgânicos, mesmo que isto acarrete um custo maior para produtores e consumidores. Para a maioria, é uma forma de prevenir os maus produtores e criadores.

FIGURA 42 - PORCENTUAIS SOBRE A OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS, A RESPEITO DA ADOÇÃO DE UM SELO QUE IDENTIFIQUE PRODUTOS ORIGINÁRIOS DE PROPRIEDADES QUE ONDE SE UTILIZA A PRÁTICA LIGADA AO BEA, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS À PERGUNTA. O QUE VOCÊ ACHA DE SELOS DE QUALIDADE, IDENTIFICANDO PRODUTOS ORIUNDOS DE PROPRIEDADES E EMPRESAS ONDE HAJA COMPROVADAMENTE A IMPLANTAÇÃO DE NORMAS DIFERENCIADAS DE BEM-ESTAR ANIMAL?



FONTE: O autor (2011)

## **10. CONCLUSÃO**

Embora os resultados demonstrem que a percepção de Bem-estar Animal possa ser considerada boa, há necessidade de uma maior orientação dos produtores, haja vista que a melhor condição para os animais proporciona uma melhor qualidade de vida para os mesmos com a minimização de enfermidades controladas pelo estabelecimento de criação, pelas enfermidades de interesse da defesa sanitária animal evitando-se perdas e prejuízos maiores.

## **11. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um dos fatores que chama a atenção, no que se refere às entrevistas realizadas junto aos produtores rurais, é que dentre as pessoas entrevistadas, as que estão na faixa de maior idade (acima de 51 anos), 32% , ou seja, 96 produtores, estão nas propriedades não ligadas a nenhuma empresa, como na integração, mostrando-se a diminuição de interesse dos mais jovens em permanecer nestas propriedades independentes, talvez pela falta de competitividade e esperança de melhores condições de vida, fazendo com que muitos destes jovens, venham a ingressar no ramo de trabalho ligado a estas empresas, que garante ao trabalhador certa estabilidade social e econômica, embora fiquem extremamente compromissados com elas, sem vínculos trabalhistas, como por exemplo, os que constroem granjas integradas, assumindo dívidas por vários anos, compromissados com a produtividade, com os resultados, se expondo praticamente a todos os riscos Assim, os que permaneceram no ramo da pecuária, muitos oriundos destas propriedades se profissionalizam, dentro ou fora das empresas, são os que possuem em média um maior grau de escolaridade, seja pelo interesse no crescimento dentro da empresa ou quando fora dela.

Quanto à situação sócia econômica, o grupo de pessoas menos favorecido, está nas pequenas propriedades independentes, sem vínculo às empresas, onde muitas vezes a renda está situada junto à aposentadoria rural, e a venda ou comércio do pouco que produzem em suas propriedades.

Referente às atividades principais na região entrevistada, que são a avicultura e a bovinocultura (de leite e corte), a situação está se alterando rapidamente, onde as pequenas e médias propriedades para os padrões locais, que vivem com recursos próprios, estão ficando cada vez mais raras, ocorrendo três caminhos principais para elas, como a venda para empresas ligadas a produção de madeira para papel, ou o arrendamento das terras a estas empresas; outro caminho seguido é a integração a empresas ligadas a suinocultura ou avicultura, ou ainda, simplesmente tentarem se manter, caso isto não produza efeito, ocorrendo então simplesmente à venda.

Agora, quanto ao conhecimento referente aos sentimentos dos animais, mais da metade dos entrevistados (66%), 198 produtores acreditam que os animais são seres “sencientes”, isto é, possuem consciência, e não somente o instinto da alimentação, defesa, procriação.

Apesar de boa parte dos entrevistados estar ligados diretamente com o setor produtivo, (66%), 198 produtores, afirmaram não saber como os animais que produzem são abatidos, mostrando a necessidade de se trabalhar mais e melhor junto aos produtores, neste ponto de relevante importância, para que se possa assim ocorrer melhoras no carregamento, no transporte e no abate, sendo de fundamental importância para a qualidade dos produtos finais, diminuindo-se os prejuízos para todos os envolvidos nas cadeias produtivas. Mas a grande maioria (88%), 264 produtores, quando questionados de maneira mais objetiva, afirmaram que a aparência e a qualidade dos produtos estão diretamente relacionadas com o método de criação e abate a que são submetidos os animais, e quase esse percentual (74%), 222 dos entrevistados, declarou que deixariam de consumir produtos sabidamente ligados ao sofrimento animal, não se importando em pagar mais por produtos de melhor qualidade em relação ao bem-estar animal. E praticamente a metade (56%), 168 dos entrevistados, são favoráveis à identificação desses produtos oriundos de propriedades que adotam políticas de bem-estar.

## REFERÊNCIAS

AMARO, I. **Conferencia Nacional da Agricultura**. 2006. Disponível em: [www.cna.pt](http://www.cna.pt). Acesso em 23 jan. 2011.

BRAMBELL, R. Bem estar animal. 1965. Disponível em: [http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/pt/Animal\\_welfare](http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/pt/Animal_welfare). Acesso em 30 jan. 2011.

BRASIL, Ministério da Agricultura e Abastecimento. Decreto 24.645, de 10 de Julho de 1934. **Diário Oficial da República dos Estados Unidos do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, 14 jul.1934. Seção 1. 4p.

BRASIL, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. 2008a. Portaria nº 185, de 17 de mar. de 2008. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 19 mar. 2008. Seção 1.1 p

BRASIL, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. 2008b. Instrução Normativa nº56, de 06 de novembro de 2008. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 07 nov. 2008. Seção 1. 2 p

BROOM, D.M.; JOHNSON, K. G. **Stress and Animal Welfare**. Ballière Tindall Reino Unido, 1993.

BRUSCHINI, M. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa** v.37 no. 132 São Paulo Sept./Dec. 2007.

COSTA, M. P. da UNESP de Jaboticabal (SP), relatando para o jornal **O Estado de São Paulo**, em 21 de maio de 2008.

DIAS, S. **A versão biológica da dor**. 2006. Disponível em: <http://www.comciencia.br>. Acesso em 28 jan. 2011.

HARRISON, R. **Animal machines**. London: Mathuen and Comapny, 1964.

HOFFMAN, F. L. **Violência em nossos pratos**. 2000. Disponível em: <http://www.abrigoaosbichos.com.br>. Acesso em 23 jan. 2011.

LAFER, B.; VALLADA FILHO, H.P. Genética e fisiopatologia dos transtornos depressivos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44461999000500004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000500004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 abr. 2011.

MACHADO, D. **Congresso Brasileiro de Bioética e Bem Estar animal**. Jornal O Estado de São Paulo, em 21 de maio de 2008.

Marchig Animal Welfare Trust. **Informação e intervenção pelos animais**. Disponível em: <http://www.vanimal.org>. Acesso em 30 jan. 2011.

MARTINS, D. **Carne melhor com manejo cuidadoso**. 2006. Disponível em: <http://www.estadao.com.br>. Acesso em 15 jan. 2011.

McINERNEY, J P. **Animal welfare, economics and policy**: report on a study undertaken for the Farm & Animal Health Economics Division of Defra, February 2004.

MERIAL. **Saúde animal**. 2008. Disponível em: <http://br.merial.com/veterinarios/veterinarios.asp>. Acesso em: 2 fev. 2011.

MOLENTO, C. M. F. Medicina Veterinária e bem estar animal. **Revista do Conselho federal de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Brasília, v. 28/29, p. 15-20, 2003.

MOLENTO, C. M. F. Bem-Estar E Produção Animal: Aspectos Econômicos – Revisão. **Archives of Veterinary Science**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 1-11, 2005.

PAIXÃO, R. L. As comissões de ética no uso de animais. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília, n.32, 2005.

PARRILLA, A. **Avicultura Industrial**: ações de bem estar animal. 2010. Disponível em: [www.aviculturaindustrial.com.br](http://www.aviculturaindustrial.com.br). Acesso em 20 jan. 2011.

PINHEIRO, S. R. Bem estar animal. 2005. Disponível em: <http://www.pcarp.usp.br>. Acesso em 1 fev. 2011.

ROLIM, B.E. **Farm animal welfare: social , bioethical, and research issues**. Ames: Iowa, State University, 1995, 168p.

ROPPA, L. Perspectivas da produção mundial de carnes, 2006 a 2030. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SUINOCULTURA, 3, 2006, Foz do Iguaçu. **Anais...** Campinas: Editora Animal World, 2006. p. 37-56.

RORIZ, C. A. C. Proteção aos animais. 2008. Disponível em <http://www.artigonal.com>. Acesso em 26 jan. 2011.

SALCEBO, L. P. **Bienestar animal y consumidor**. In: HERRANZ, A. H. e COLMENAREJO, J. L. (Ed.). **Bienestar animal**, Madrid: Editorial Agrícola Española, S. A. 2005.

SIMÕES M. G. **Relatório de Estágio de Licenciatura em Engenharia Zootécnica**, 1995.

SINGER, P. **Animal liberation**. New York: Harper Collins, 2002.

SOBESTIANSKY, J.; MARTINS, M.I.S.; BARCELLOS, D.E.S.H. de; SOBRAL, V.B.G.M. **Formas anormais de comportamento dos suínos: possíveis causas e**

**alternativas de controle.** Concórdia. EMBRAPA-CNPSA. (Circular Técnica, 14). 1991, 29p.

SPEEDING, C.R.W. Animal welfare in Europe. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, Schaumburg, v.204, n.3, p.384-387, 1994.

**TOLON, Y.B. Avaliação do ambiente gerado pelo resfriamento adiabático em maternidade de suínos e determinação de modelos de previsão de parâmetros de conforto.** Campinas, 2002. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) - Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas.

TOUITOU, R. **O patê de fígado brevemente ilegal na Europa.** 2007. Disponível em: <http://www.stopgavagem.com>. Acesso em 30 jan. 2011.

WSPA. World Society for the Protection of Animals. **Conceitos em bem estar animal:** um roteiro para auxiliar no ensino de bem estar animal em faculdade de medicina veterinária. Rio de Janeiro: Brasil, Sociedade Mundial de Proteção Animal. 2004. CD.

## APÊNDICE

Questionário destinado aos produtores rurais dos municípios de Jaguariaíva e Piraí do Sul e Arapoti, produtores na área da avicultura de corte, avicultura de postura, bovinocultura de leite e de corte, suinocultura e em propriedades cuja atividade principal seja a lavoura.

### **a) Dados pessoais:**

1. Idade do entrevistado
2. Escolaridade
3. Situação sócia econômica
4. Sexo

### **b) Dados relacionados à produção:**

5. Qual a principal atividade na propriedade?
6. Para você o que mais significa bem estar animal?
7. Em relação às diferentes espécies, se um animal está produzindo bem, como por exemplo: leite e ovos em boa quantidade, tendo o ganho de peso desejado, o que mais representa este bom desempenho?
8. Por que o bem estar animal é importante?
9. Você acha que os animais têm sentimentos?
10. Você tem conhecimento de como são abatidos os animais que você produz?
11. Caso a sua resposta à pergunta anterior seja afirmativa, você acha que os métodos usados estão adequados?
12. Qual é o significado de abate humanitário, na sua opinião?
13. A maneira como os animais são abatidos pode interferir na aparência e qualidade dos produtos finais?
14. Quando a criação de animais é ligada a alguma empresa, você acha que?
15. Na sua opinião, é correto deixar de consumir produtos associados ao sofrimento animal?

16. Você pagaria mais por um produto que sabidamente é oriundo de uma criação na qual se aplicou norma de bem-estar animal?

17. A questão do bem-estar animal é uma exigência crescente no mundo todo, que setor terá maior influência para a implantação e o desenvolvimento do bem-estar animal junto às empresas e os produtores rurais?

18. O que você acha de um selo de qualidade identificando produtos oriundos de propriedades e empresas onde haja comprovadamente a implantação de normas diferenciadas de bem-estar animal?